

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA**

**PRODUÇÃO CIENTÍFICA (SCIELO, 1993/2012) E USO DE ESTRATÉGIAS DE
COPING EM ADOLESCENTES ESCOLARES**

Fabíola Ribeiro de Moraes Santeiro

**Goiânia – Goiás
Março de 2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA**

**PRODUÇÃO CIENTÍFICA (SCIELO, 1993/2012) E USO DE ESTRATÉGIAS DE
COPING EM ADOLESCENTES ESCOLARES**

Fabíola Ribeiro de Moraes Santeiro

**Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Psicologia Clínica da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Psicologia.**

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini

**Goiânia – Goiás
Março de 2013**

Produção Científica (SciELO, 1993/2012) e Uso de Estratégias de *Coping* em Adolescentes Escolares

Resumo: Estudos sobre *coping* ajudam a entender sobre contextos humanos e sobre habilidades de enfrentamento às demandas cotidianas. Este trabalho se compõe de duas partes. Na primeira delas realiza-se uma análise de produção científica sobre *coping*. A amostra é composta por 294 artigos publicados entre 1993 e 2012, em periódicos indexados à base de dados internacional SciELO. Diversos indicadores demonstram que a produção acadêmica sobre *coping* desfruta de características positivas, dentre as quais se destaca a ocorrência significativa de estudos empíricos. Constatada a relevância do estudo sobre *coping* em adolescentes, obtida por meio do levantamento sistemático da produção na área, na segunda parte realiza-se estudo descritivo sobre o uso de estratégias de *coping* em adolescentes, escolares da grande Goiânia (N=430), de ambos os sexos e com idades entre 12 e 19 anos. Verificam-se diferenças significativas no uso de estratégias de *coping* conforme idade e gênero dos participantes. Para consolidação dos achados apresentados, novas pesquisas são desejáveis.

Palavras-Chave: estilos de enfrentamento; avaliação psicológica; análise empírica de tendências; adolescência; periódicos científicos.

Scientific Production (SciELO, 1993/2012) and Use Coping Strategies for Teens School

Abstract: Studies on coping help to understand about human contexts and on coping skills to everyday demands. This work consists of two parts. In the first one performs an analysis of scientific literature on coping. The sample consists of 294 articles published between 1993 and 2012 in journals indexed to international database SciELO. Several indicators show that the academic production on coping enjoys positive characteristics, among which stands out the occurrence of significant empirical studies. Given the relevance of the study of coping in adolescents, obtained through systematic analysis of the production area, the second part takes place descriptive study about the use of coping strategies in adolescents, students of big Goiânia (N=430) of both genders and aged between 12 and 19 years. There are significant differences in the use of coping strategies as age and gender of the participants. To consolidate the findings presented, further research is desirable.

Keywords: coping styles; psychological assessment; empirical analysis of trends; adolescence; scientific journals.

Sumário

Apresentação.....	01
Capítulo 1: Análise Empírica de Tendências na Produção Científica sobre <i>Coping</i> (SciELO, 1993/2012).....	02
Resumo.....	03
<i>Abstract</i>.....	04
Introdução.....	05
Método.....	09
Material.....	09
CrITÉrios de Inclusão e de Exclusão.....	09
Análise por JuÍzes.....	10
Base de Dados SciELO.....	10
Procedimentos.....	11
Resultados e Discussões.....	12
Distribuição da Produção sobre <i>Coping</i>.....	12
Periódicos Divulgadores.....	13
Autoria dos Documentos.....	17
Tipos de Produções.....	18
<i>Coping</i>: Ainda uma Nova Terminologia?.....	20
Temáticas, Locais e Segmentos Populacionais.....	21
Considerações Finais e Sugestões.....	22
Referências.....	25
Capítulo 2: Autores e Pesquisas sobre <i>Coping</i>: Produção Científica (SciELO, 1998/2012).....	29
Resumo.....	30
<i>Abstract</i>.....	31
Introdução.....	32
Método.....	34
Material.....	34
CrITÉrios de Inclusão.....	34

SciELO.....	34
Procedimento.....	34
Resultados e Discussão.....	35
Distribuição da Produção sobre <i>Coping</i>	35
Periódicos Divulgadores.....	36
Autoria dos Documentos.....	38
Afiliações Institucionais.....	41
Tipos de Estudos sobre <i>Coping</i>	42
Temáticas, Locais e Segmentos Populacionais Pesquisados.....	42
Estratégias de Avaliação de <i>Coping</i>	46
Considerações Finais e Sugestões.....	47
Referências.....	50
Capítulo 3: Uso de Estratégias de <i>Coping</i> em Adolescentes	
Escolares.....	52
Resumo.....	53
<i>Abstract</i>.....	54
Introdução.....	55
Método.....	61
Participantes.....	61
Instrumento.....	61
Procedimento.....	62
Resultados.....	63
Discussão.....	66
Referências.....	69

Apresentação

Este trabalho é composto de três partes, compostas no formato de artigo. Na primeira foi realizada uma análise de produção científica sobre *coping*. Usando a palavra-chave *coping*, selecionou-se todos os artigos indexados à Base de Dados SciELO, no período compreendido entre 1993, quando foi registrado o primeiro texto sobre o tema, e 2012, ano de encerramento da busca bibliográfica, o que totalizou 294 produções. Nesta amostra inclui-se todos os artigos que focavam sobre *coping*, incluindo aqueles em que *coping* referia-se à “enfrentamento” sob outras perspectivas, como por exemplo, enfrentamento a diferentes situações de vida, enfrentamento da prostituição, problemas com políticas públicas, envelhecimento, dor etc.

Na segunda seção se analisa parte da primeira grande amostra (N=174) e o limite temporal contemplou os anos entre 1998, momento de registro da primeira produção específica sobre *coping*, e 2012. Artigos característicos sobre *coping* foram selecionados, porque neles se apresentava especificidade teórica, amparada em propostas de precursores da temática *coping* (Lazarus & Folkman, 1984; Moos, 2002, dentre outros).

A terceira e última parte descreve comparativamente o uso de estratégias de *coping* em adolescentes escolares da grande Goiânia. O estudo traz uma amostra de 430 adolescentes, sendo 240 do sexo feminino e 183 do sexo masculino, e 7 não informaram o sexo, com idades entre 12 e 19 anos. Nele se procura discutir a existência de diferenças no uso das estratégias de *coping*, entre meninos e meninas e nos diferentes grupos de idade.

Capítulo 1: Análise Empírica de Tendências na Produção Científica sobre *Coping*

(SciELO, 1993/2012)

Análise Empírica de Tendências na Produção Científica sobre *Coping* (SciELO, 1993/2012)

Resumo: *Coping* indica uma ação intencional, física ou mental, iniciada em resposta a um estressor percebido, dirigida para circunstâncias externas ou estados internos. A pesquisa visou obter panorama sistemático do que tem sido feito e discutido em parte da produção científica sobre *coping*, através da análise de artigos publicados em periódicos indexados à Base de Dados SciELO, entre 1993 e 2012 (N=294). Observou-se aumento quantitativo das produções no período investigado e elas foram divulgadas predominantemente em periódicos da Psicologia. Autorias femininas e grupais, desenvolvendo estudos empíricos, foram expressivas. Transtornos orgânicos, instituições hospitalares e usuários de serviços de saúde foram mais investigados e discutidos. A terminologia *coping* nem sempre é enfocada como um corpo teórico específico, o que requer atenção do leitor.

Palavras-Chave: estilos de enfrentamento; bases de dados; periódicos científicos; metaciência.

Empirical Analysis of Trends in Scientific Production on Coping (SciELO, 1993/2012)

Abstract: Coping indicates an intentional action, physical or mental, initiated in response to a perceived stressor, addressed to external circumstances or internal states. The research aimed to obtain systematic survey of what has been done and discussed in the scientific production about coping, through the analysis of articles published in journals indexed to the Database SciELO, between 1993 and 2012 (N = 294). It was observed a quantitative increasing of the productions in the investigated period and they were predominantly reported in journals of psychology. Female and groupal authorship, developing empirical studies were significant. Organic disorders, hospitals and health service users were more investigated and discussed. The terminology is not always focused coping as a specific theoretical framework, which requires attention of the reader.

Keywords: coping styles; databases; journals; metascience.

Introdução

Vive-se na atualidade num mundo globalizado. Nele as informações, independentemente de sua origem, circulam com grande facilidade. A um cidadão comum, por exemplo, é possível acessar via *internet* um conteúdo qualquer que lhe aprouver, o que, contudo, não garantirá a qualidade científica da informação. Neste sentido, espera-se que a academia, de onde se aspira que os conhecimentos gerados primem pela qualidade, cumpra seu papel na promoção e divulgação do saber, cuidando para que este promova desenvolvimento.

O progresso científico vincula-se assim, à divulgação de descobertas e invenções. E para que isso ocorra, novos fatos devem ser disponibilizados à comunidade acadêmica. Com esses propósitos, é necessário reunir e divulgar as informações para aqueles que estudam determinado assunto (Sabadini, Sampaio & Koller, 2009). Nesse cenário a divulgação científica tem a função de trazer e elucidar fatos científicos aos próprios cientistas ou aos leigos, para que possam se atualizar em suas áreas ou em outras áreas do conhecimento. Essa possibilidade tem sido facilitada por iniciativas como as bibliotecas de acesso aberto e disponibilizadas por acesso eletrônico em rede (Packer, 2009 e 2011).

O pesquisador ao escolher seu objeto de estudo pode fazer esta seleção a partir de vários motivos, dentre eles, a afinidade pessoal, a conveniência, os modismos temáticos etc. Entretanto, quando se pensa na evolução do conhecimento, ela efetiva-se de fato a partir de alguns critérios e a produção científica é um deles. Esta última tem sido entendida como aquelas atividades que resultam em novas descobertas tecnológicas e/ou de conhecimentos, assim como no aumento das informações disponíveis para direcionar os progressos do homem (Poblacion, Witter & Silva, 2006).

A análise de produção científica é, nesse sentido, uma metodologia que permite sinalizar *como* e *quanto* tem sido pesquisado e estudado em determinada área do

conhecimento. Ela permite averiguar, por conseguinte, os rumos mais adequados às novas pesquisas necessárias para o crescimento deste setor em estudo.

O início da década de sessenta tem sido apontado como o momento em que a avaliação e análise da produção científica que utiliza metodologia específica surgiu (Domingos, 1999). Desde então esse tipo de pesquisa vem evoluindo consideravelmente, possibilitando tanto análises qualitativas, quanto quantitativas, em várias áreas do conhecimento, assim como em instituições produtoras de ciência. O estudo realizado por Granja (1995) sugeria, àquela época, que o interesse por pesquisas sobre produção científica, realizadas em universidades brasileiras, era constatado com maior ênfase nos últimos cinco anos. No ínterim entre o estudo de Granja e os dias atuais, muito se modificou nesse sentido, o que pode ser visualizado na intensificação de produções com esse enfoque por pesquisadores de diversas instituições brasileiras (Barroso, 2010; Custódio, Crepaldi & Cruz, 2012; Joly, Berberian, Andrade & Teixeira, 2010). Por intermédio de análises de produção pode-se avaliar o estágio de desenvolvimento de um país e de instituições (Herculano & Norberto, 2012), de periódicos (Pinto, de Lima & de Lima, 2011), de um dado pesquisador (Massi & Queiroz, 2012) e de temáticas específicas (Aros & Yoshida, 2009), assim como, neste momento se propõe analisar textos sobre *coping*.

Coping

Coping pode ser definido como o conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizados pelo indivíduo visando lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de estresse e são avaliadas como sobrecarga ou excedente aos recursos pessoais (Lazarus & Folkman, 1984). Esta definição proposta por Lazarus e Folkman (1984) e amplamente reproduzida nas publicações sobre o tema, enfatiza o caráter processual do *coping* e destaca quatro aspectos fundamentais da teoria: 1) processo ou interação do

indivíduo em relação ao seu ambiente; 2) função: administrar situação estressora, ao invés de controlá-la ou dominá-la; 3) processo pressupõe avaliação: como o fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado na mente do indivíduo; e 4) processo de mobilização de esforços cognitivos e comportamentais para administrar (reduzir, minimizar ou tolerar) demandas internas ou externas surgidas da interação com o ambiente.

Assim, pode-se dizer que *coping* é uma ação intencional, física ou mental, iniciada em resposta a um estressor percebido, dirigida para circunstâncias externas ou estados internos (Lazarus & Folkman, 1984). Neste sentido, as estratégias de *coping* refletem ações, comportamentos ou pensamentos usados para lidar com um estressor.

O processo de *coping* é desencadeado apenas se o problema a ser enfrentado é considerado um estressor. Caso contrário, ou seja, caso o evento não seja apreciado como um problema ou um evento estressante (ou estressor), o que se tem é um processo de adaptação (Lazarus & Folkman, 1984). Contudo, vale lembrar que *coping* é considerado qualquer tentativa de administrar o evento estressor, tenha ela sucesso, ou não. Assim, a característica principal dos processos de *coping* não é o resultado e sim a apreciação realizada do problema (se estressor ou não).

A escolha da estratégia de *coping* depende da análise da situação na qual o indivíduo se envolve. Esta análise é chamada na literatura da área de avaliação ou *appraisal* e é classificada como avaliação primária e secundária. Na avaliação primária o indivíduo aprecia se o problema enfrentado constitui-se em um evento estressante (Lazarus & Folkman, 1984).

A disponibilidade de recursos de *coping* afeta a avaliação do evento (se estressante ou não) e determina que estratégias de *coping* poderão ser utilizadas. Neste caso, ocorre a avaliação secundária. Nela o indivíduo avalia os recursos de *coping* existentes e seleciona a melhor estratégia para fazer frente ao problema. Os processos de *coping* variam com o desenvolvimento: condições e experiências de vida, fases do ciclo vital etc.

Em seus estudos Lazarus e Folkman (1984) postularam dois conjuntos de estratégias de *coping* que poderiam ser definidas segundo sua função: 1) *Coping* focado na emoção: esforço para regular o *estado emocional* que é associado ao estresse. Neste tipo de estratégia de *coping* objetiva-se alterar o estado emocional (ou ansiedade) relacionada ao problema enfrentado pelo indivíduo. Alguns autores também descrevem este conjunto de estratégias como de evitação do problema (Moos, 1993, 2002 e 2003). E 2) *Coping* focado no problema: esforço para *atuar* na situação que originou o estresse, tentando mudá-la. Este conjunto de estratégia de *coping* visa alterar o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente causador da tensão. Este conjunto de estratégias também é referida em alguns trabalhos como de aproximação do problema ou de enfrentamento direto (Moos, 1993, 2002 e 2003).

Considerando a interface possível entre produção científica e necessidades de se avaliá-la na área de *coping*, algo não detectado na realidade brasileira, este estudo objetivou, de modo geral, delinear sistematicamente o panorama da produção científica sobre *coping*, através da análise de artigos publicados em periódicos indexados à Base de Dados eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha; SciELO, 2012), de agora em diante SciELO.

De modo mais específico, as seguintes indagações nortearam o processo de investigação: 1) Como a produção sobre *coping* se distribui, por ano? Entendendo que a SciELO representa parcela relevante de produções nacionais e estrangeiras, pode ser dito que estudos sobre *coping* têm aumentado? 2) Quais periódicos têm divulgado estudos sobre *coping*? Estudos sobre *coping* têm sido veiculados em periódicos de Psicologia, ou também o fazem naqueles de responsabilidade editorial de outras áreas? 3) Os autores têm pesquisado em grupos ou isoladamente? Como eles se caracterizam quanto ao sexo? 4) Que tipo de estudos sobre *coping* têm sido desenvolvidos e publicados? Essa área temática tem se consolidado por meio de pesquisas empíricas? 5) Produções que versam sobre *coping* são, de

fato, específicas sobre *coping*, ou esse vocábulo tem sido adotado de modo inespecífico, pelos autores? 6) Quais temáticas, locais e segmentos populacionais têm sido estudados?

Método

Material

A amostra do estudo é composta por 294 artigos sobre *coping*, publicados nos últimos 20 anos, em 49 periódicos indexados à Base de Dados SciELO.

Critérios de Inclusão e de Exclusão

Quaisquer produções sobre *coping* foram incluídas na amostra, desde que estivessem disponíveis *on-line* até marco de 2012 na SciELO, quando a busca de informações foi encerrada. Exceto por essa necessidade de estabelecer o prazo para fechar o tamanho da amostra e prosseguir nas demais etapas da pesquisa, não houve restrição de período temporal para realização das buscas. Essa decisão foi tomada para otimizar as probabilidades de obtenção de um panorama abrangente, do que tem sido feito e discutido sobre *coping*.

Os critérios de exclusão de material foram aplicados a duas situações. Na primeira delas os artigos veiculavam informação em periódicos de áreas do conhecimento distintas da Saúde. Assim, produções constantes dos seguintes periódicos foram excluídas: *Revista de Administração Contemporânea*; *Perspectivas em Ciência da Informação*; *Brazilian Journal of Biology*; *Scientia Agricola*; *Journal of Information Systems and Technology Management*; *Revista Brasileira de Botânica*; *Perspectivas em Ciência da Informação*; *Brazilian Administration Review*; *Revista de Administração Mackenzie*; *Revista de Administração de Empresas*; *Revista Brasileira de Educação*.

Na segunda situação de exclusão, mesmo as produções tendo sido publicadas em periódicos da área da Saúde, o teor das informações não mantinha relação com alguma teoria ou ideia sobre *coping*. A relação de periódicos excluídos foi: *Brazilian Oral Research*; *Brazilian Dental Journal*; *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*; *Journal of Applied Oral Science*; *Jornal Brasileiro de Pneumologia*; e *Revista CEFAC: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação*.

Atentando-se a essas particularidades, em síntese, 17 revistas foram excluídas da amostra de periódicos, inicialmente composta por 68 títulos. Por conseguinte, nestas revistas descartadas, 19 artigos foram desconsiderados, porque 11 (64,7%) deles se enquadravam no critério 1 de exclusão e 6 (35,3%), no critério 2.

Análise por Juízes

Para verificar o grau de fidedignidade do julgamento do item referente à especificidade, ou não, no uso da terminologia sobre o construto *coping*, três juízes realizaram avaliações independentes: as autoras e um pesquisador experiente na metodologia de análise de produção científica, doutor em Psicologia e professor efetivo de instituição de ensino superior da rede pública federal, treinado quanto às conceituações sobre *coping*, conforme proposições dos autores específicos da área (Folkman & Lazarus, 1980; Lazarus & Folkman, 1984; Moos, 2002). Para análise dos demais itens, os quais consistiam em contagem simples de frequências e facilmente revisáveis, recorreu-se à avaliação pelas autoras.

Base de Dados SciELO

A SciELO é um modelo de publicação eletrônica para países em desenvolvimento, que se pauta na crença de que o acesso adequado e atualizado à informação técnico-científica é essencial para o desenvolvimento econômico e social. Ela foi especialmente desenvolvida

para responder às necessidades da comunicação científica; visa à publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na *internet* e proporciona soluções para assegurar a visibilidade e o acesso universal à literatura científica gerada nos países em desenvolvimento e particularmente na América Latina e Caribe (SciELO, 2012).

Historicamente, a SciELO surgiu de um projeto piloto que envolvia 10 periódicos brasileiros de diferentes áreas do conhecimento (Packer et al., 1998; Packer, 2009). Ela tem sido desenvolvida com êxito entre março de 1997 e maio de 1998 e tem se aprimorado até os dias atuais. Nessa direção, salienta-se que as coleções de periódicos SciELO indexam e publicam as melhores revistas da maioria dos países produtores de pesquisa da América Latina e do Caribe, além de Portugal e Espanha. Em 2009, a África do Sul juntou-se à rede (Packer, 2009).

Vale observar que os periódicos das coleções SciELO ainda seguem padrões editoriais de nível internacional, não somente avaliados pelos comitês consultivos da própria SciELO, mas em alguns casos há sobreposição de avaliações, por exemplo por aquelas realizadas dentro do modelo Qualis/CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2012).

Procedimentos

Os procedimentos compreenderam cinco etapas: 1) levantamento e acesso às produções, por meio do vocábulo/descritor *coping*; 2) leitura prévia do material coletado e eliminação de duplicidades e impertinências; 3) categorização dos achados, considerando-se os objetivos propostos; 4) verificação da significância estatística das ocorrências, por meio do teste estatístico *não-paramétrico Qui-quadrado* (Siegel, 1956/1975), momento em que o *p* foi preestabelecido em 0,05; e 5) discussão quanti-qualitativa dos achados.

Sobre refinamento do material conforme a especificidade de análise/estudo sobre *coping*, a quantidade de artigos a ser avaliada pelos juízes foi de aproximadamente 15% do total da amostra (45 artigos), obtidos por sorteio, sem reposição. Antes da avaliação efetiva ocorrer, treinamentos foram realizados com base em outros 15 artigos, sorteados de modo semelhante àqueles anteriormente descritos.

Após o treino e a obtenção de concordância ter sido refinada, é que se realizaram os julgamentos definitivos, com base no índice *Kappa* (Bordens & Abbott, 1999). Assim, a pesquisadora procedeu à análise do restante do material somente após o índice de concordância entre as avaliações feitas pelo par de juízes ter sido obtido. Considerada essa particularidade, o *Kappa* obtido entre os juízes, em seus julgamentos independentes, foi de 0,91, o que sinalizou que as avaliações realizadas desfrutavam de fidedignidade.

Resultados e Discussões

Distribuição da Produção sobre *Coping*

A produção analisada teve início no ano de 1993, momento no qual 1 estudo foi identificado, o que se repetiu em 1994. Em 1995 e em 1997 não foram observados estudos sobre *coping*. Considerados esses primeiros resultados, depois de 1996 a produção analisada foi, no geral, crescente, em especial a partir dos anos 2000, ano em que 4 produções foram constatadas. Nesse sentido, o ano de 2011 indicou o pico de artigos produzidos sobre *coping*. Como ressaltado anteriormente, a busca de informações foi finalizada em março de 2012, de modo que esse resultado precisa ser assim considerado. Isso posto, a média anual de publicações sobre *coping* foi de 16,3 artigos (DP=15,96).

Quando se compara a produção observada nas diferentes décadas (Tabela 1), verifica-se que 3,7% situam-se nos 8 anos compreendidos entre 1993 e 2000 (Média de 2

trabalhos/ano; DP=1,21), enquanto na década seguinte 23 (72,8%) trabalhos/ano foram constatados (DP=11,81). Nos anos restantes a média saltou para 26 (18,1%) trabalhos/ano.

O incremento significativo da produção dos anos 2000 em diante é entendido de duas formas básicas: 1) a contínua expansão da SciELO, com a indexação de novos periódicos desde sua criação (Packer, 2009; SciELO, 2012); e 2) a também sucessiva aceitação e adaptação do modelo teórico proposto por pesquisadores de *coping*. Com isto, não se pode falar propriamente que houve apenas aumento de interesse pelo tema *coping* no período relatado, mas a visibilidade da produção existente se intensificou. Esse tipo de constatação também ocorre em outros estudos que tomam bases de dados eletrônicas como fonte material de pesquisas (por exemplo, Yoshida, Santeiro, Santeiro & Rocha, 2005). Ela não pode ser desvinculada do movimento representado por iniciativas de acesso aberto a publicações científicas, que tem sido consolidado no meio acadêmico brasileiro de modo progressivo, não somente por modelos como o da SciELO, mas por outros, semelhantes a ele (Sampaio & Serradas, 2009), dentre os quais destaca-se a Base de Dados PePsic, específica da área de Psicologia.

Periódicos Divulgadores

No período investigado, o periódico que mais publicou sobre *coping* foi a *Revista Latino-Americana de Enfermagem*: 38 artigos (12,9%). Noutro extremo, 18 veículos apresentaram frequência de 1 artigo publicado (0,3% cada; Tabela 2). Isso resulta numa Média de 6 artigos/periódico (Desvio Padrão=7,62).

A *Revista Latino-Americana de Enfermagem* é um órgão oficial de divulgação científica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e do Centro Colaborador da Organização Pan-Americana de Saúde/Organização Mundial da Saúde para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem. Ela teve sua primeira edição publicada

em janeiro de 1993 e sua missão é publicar resultados de pesquisas científicas de Enfermagem e de outras áreas de interesse para profissionais da área de saúde. Caracteriza-se como periódico nacional, de circulação internacional (CAPES, 2012).

Tabela 1: distribuição da produção sobre *coping*, por ano (N=294).

Ano da Produção	F	%	F Acumulada	% Acumulada
1993	1	0,3	1	0,3
1994	1	0,3	2	0,6
1995	--	--	--	--
1996	2	0,7	4	1,3
1997	--	--	--	--
1998	1	0,3	5	1,6
1999	2	0,7	7	2,3
2000	4	1,4	11	3,7
Subtotal Anos 1990	11	3,7	11	3,7
2001	12	4,1	23	7,8
2002	7	2,4	30	10,2
2003	12	4,1	42	14,3
2004	14	4,8	56	19,1
2005	20	6,8	76	25,9
2006	18	6,1	94	32,0
2007	34	11,6	128	43,6
2008	36	12,2	164	55,8
2009	36	12,2	200	68,0
2010	41	14,0	241	82,0
Subtotal Anos 2000	230	78,2	241	82,0
2011	52	17,7	293	99,7
2012	1	0,3	294	100
Subtotal Anos 2010	53	18,1	294	100
Total Geral	294	100	294	100

Sobre a avaliação feita pelo sistema Qualis, vale esclarecer que se trata do conjunto de procedimentos utilizados para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação brasileiros. Os periódicos são classificados por área de avaliação e esse processo é atualizado anualmente. Dessas classificações resultam enquadramentos de periódicos em estratos graduais, que indicam sua qualidade, sendo eles A1, o indicativo de avaliação mais elevado e cujo peso é 100, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, cujo peso é zero (CAPES, 2012).

A produção sobre *coping* está concentrada em 7 periódicos (51,4%): a já detalhada *Revista Latino-Americana de Enfermagem* e outros 6 – *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *Revista da Escola de Enfermagem da USP*; *Estudos de Psicologia de Campinas*; *Psicologia: Teoria e Pesquisa*; *Psicologia em Estudo*; e *Estudos de Psicologia de Natal*. Observa-se que todos os veículos publicadores, não somente os 7 acima, além de atenderem aos padrões editoriais da SciELO, são avaliados pela CAPES, num processo avaliativo denominado Qualis, conferindo a esses 7 periódicos qualidade simbolizada por avaliações que vão de B1 a A1 (Tabela 2). Por essa via, deve ser observado que um mesmo periódico, ao ser classificado em duas ou mais áreas distintas, pode receber diferentes avaliações, por exemplo, A *Acta Paulista de Enfermagem* é avaliada como A2 pela Enfermagem e como B1 pela Psicologia. Neste estudo considerou-se a avaliação Qualis/CAPES da área de Psicologia (Tabela 2).

Ainda sobre os veículos divulgadores, títulos de responsabilidade editorial da área de Medicina foram mais frequentes (n=16; 32,7%), seguidos por periódicos da Psicologia (n=11; 22,4%). Houve ainda, editores de Enfermagem (n=7; 14,3%), Educação (n=6; 12,2%), Saúde Pública/Coletiva (n=5; 10,2%) e interdisciplinares (n=4; 8,2%). Em todos os casos, os periódicos são sediados em instituições brasileiras.

Por outro lado, ainda analisando os periódicos divulgadores, os da Psicologia foram responsáveis por produção maior de trabalhos publicados sobre *coping*: 119 (40,5%), concentrados em 11 títulos (Média=10,9 artigos/periódico). Isto é, apesar da lista de periódicos da área de Medicina ser numericamente superior em títulos (n=16), a produção sobre *coping* ali publicada (12,9%) está dispersa em uma Média de 2,4 artigos/periódico. Nesse sentido, periódicos da Enfermagem publicaram 31,3% de artigos (Média=13,1 artigos/periódico), da Saúde Pública/Coletiva 9,9% (Média=5,8 artigos/periódico), da Educação 3,7% (Média=1,8 artigos/periódico) e Interdisciplinares 1,7% (Média=1,2 artigos/periódico). A prova de Qui-quadrado de aderência indicou diferença significativa para

veículos científicos da Psicologia na disseminação do tema *coping*, na amostra estudada ($\chi^2=217,32$; $\chi^2c=11,07$; $p<0,05$; n.g.l.=5), revelando que os periódicos da área da Psicologia publicaram significativamente mais artigos relacionados ao tema *coping* que os das outras áreas.

Tabela 2. Relação de periódicos, em ordem decrescente de frequência de publicação de artigos, com respectiva avaliação Qualis/CAPES na área de Psicologia (2012; N=294).

Periódico	F	%	F Acumulada	% Acumulada	Qualis/CAPES
1. Revista Latino-Americana de Enfermagem	38	12,9	38	12,9	B1
2. Psicologia: Reflexão e Crítica	24	8,2	62	21,1	A1
3. Revista da Escola de Enfermagem da USP	24	8,2	86	29,3	B1
4. Estudos de Psicologia de Campinas	18	6,1	104	35,4	A2
5. Psicologia: Teoria e Pesquisa	17	5,8	121	41,2	A1
6. Psicologia em Estudo	16	5,4	137	46,6	A2
7. Estudos de Psicologia de Natal	14	4,8	151	51,4	A2
8. Acta Paulista de Enfermagem	12	4,1	163	55,5	B1
9. Psico-USF	12	4,1	175	59,6	A2
10. Paidéia	9	3,1	184	62,7	A1
11. Revista Brasileira de Enfermagem	9	3,1	193	65,8	B2
12. Revista de Psiquiatria Clínica	9	3,1	202	68,9	B3
13. Cadernos de Saúde Pública	7	2,4	209	71,3	A2
14. Ciência e Saúde Coletiva	7	2,4	216	73,7	A2
15. Revista Brasileira de Psiquiatria	7	2,4	223	76,1	A2
16. Revista de Saúde Pública	6	2,0	229	78,1	A2
17. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul/Trends in Psychiatry and Psychotherapy	5	1,7	234	79,8	B3
18. Saúde e Sociedade	5	1,7	239	81,5	B2
19. Physis: Revista de Saúde Coletiva	4	1,4	243	82,9	B1
20. Revista Gaúcha de Enfermagem	4	1,4	247	84,3	B1
21. Texto Contexto Enfermagem	4	1,4	251	85,7	B1
22. Arquivos de Neuro-Psiquiatria	3	1,0	254	86,7	B1
23. Educação e Pesquisa	3	1,0	257	87,7	B1
24. Psicologia Escolar e Educacional	3	1,0	260	88,7	B1
25. Psicologia USP	3	1,0	263	89,7	B1
26. Revista Brasileira de Educação Especial	3	1,0	266	90,7	B1
27. Interface: Comunicação, Saúde, Educação	2	0,7	268	91,4	B2
28. Psicologia: Ciência e Profissão	2	0,7	270	92,1	A2
29. Revista Brasileira de Educação Médica	2	0,7	272	92,8	B2
30. Revista Brasileira de Medicina do Esporte	2	0,7	274	93,5	B1
31. Revista da Associação Médica Brasileira	2	0,7	276	94,2	B2
32. Anais Brasileiros de Dermatologia	1	0,3	277	94,5	B1
33. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva	1	0,3	278	94,8	B4
34. Cadernos CEDES	1	0,3	279	95,1	B1
35. Educação em Revista	1	0,3	280	95,4	B5
36. Escola Anna Nery	1	0,3	281	95,7	B3
37. Fractal Revista de Psicologia	1	0,3	282	96,0	B1
38. Jornal Brasileiro de Nefrologia	1	0,3	283	96,3	não aval. psico.
39. Jornal Brasileiro de Pneumologia	1	0,3	284	96,6	B2
40. Jornal de Pediatria	1	0,3	285	96,9	B2
41. Psychology & Neuroscience	1	0,3	286	97,2	A2
42. Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular	1	0,3	287	97,5	não aval. psico.
43. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	1	0,3	288	97,8	B2
44. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia	1	0,3	289	98,1	B3
45. Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia	1	0,3	290	98,4	não aval. psico.
46. Revista do Hospital das Clínicas/Clinics)	1	0,3	291	98,7	B1
47. Revista Estudos Feministas	1	0,3	292	99,0	B1
48. São Paulo Medical Journal	1	0,3	293	99,3	não aval. psico.
49. Trabalho Educação e Saúde	1	0,3	294	99,6	B2
Total	294	100	294	99,6	--

Autoria dos Documentos

Autoria é uma variável merecedora de atenção dos avaliadores da ciência, porque se espera certa equidade de participação de pesquisadores, quer seja pelo seu gênero, quer seja pela preponderância de trabalhos em equipe (Witter, 2008). A análise do material considerou as categorias de autoria masculina, feminina e mista. Em todos os casos foi possível identificar o sexo da autoria. As exceções, quando existentes, foram esclarecidas por meio dos Currículos Lattes dos autores, disponíveis publicamente por meio da Plataforma Lattes.

Trabalhos de autoria feminina foram verificados em 60,5% dos casos; em 5,1%, masculina e os de autoria mista responderam por 34,4%. O teste χ^2 entre os sexos feminino, masculino e misto resultou em 135,68, portanto, superior ao $\chi^2_c = 5,99$ ($p < 0,05$, n.g.l.=2), o que permite inferir que significativamente mais mulheres produziram artigos sobre *coping* na amostra estudada, quando comparadas aos homens e aos grupos mistos quanto ao sexo. Este dado, contudo, deve ser mitigado a luz da preponderância feminina na Psicologia em geral, e não somente em relação ao estudo de *coping*.

Outro indicador que tem sido considerado forte quanto ao desenvolvimento de uma área científica é o quanto os trabalhos são desenvolvidos em equipes. Autorias múltiplas desfrutam de maior prestígio no meio científico quando comparadas às individuais. Dentre outras razões, isso ocorre porque, subjacente a esse tipo de parceria, é possível constatar a existência de grupos e linhas de pesquisa, a integração e cooperação entre instituições e países diversos, algo progressivamente valorizado nos dias atuais, inclusive por órgãos governamentais e de fomento à pesquisa, como a CAPES.

Nesse sentido a autoria foi analisada quanto às seguintes modalidades, cujos resultados são fornecidos entre os respectivos parêntesis: simples (n=20; 6,8%), dupla (n=131; 44,6%), tripla (n=73; 24,8%), quádrupla (n=33; 11,2%) e com cinco ou mais autores (n=37; 12,6%). Para verificar se havia diferença estatística entre a ocorrência de trabalhos de autoria múltipla

e única foi feito o teste χ^2 , que resultou em 137,07 ($\chi^2_{c=9,49}$, $p < 0,05$, n.g.l.=4) e permite concluir que existem significativamente mais artigos sobre *coping* publicados por meio de autorias duplas que por meio de outros tipos de autorias.

Se a esse resultado da autoria em duplas considerar-se o restante das ocorrências de trabalhos em autoria múltipla em conjunto (Frequência Acumulada de 93,2%), há forte indício de bom desenvolvimento da área de produções sobre *coping*. Quando se retoma estudos de análise de produção científica desenvolvidos na realidade brasileira, o predomínio de autoria feminina e múltipla em profissões como a de Psicologia e Enfermagem não é incomum (por exemplo, Pinto, de Lima & de Lima, 2011). Além do mais, como visto anteriormente, periódicos da Psicologia e da Enfermagem concentraram o maior volume de publicações sobre *coping*.

Ressalta-se, ainda, que a distribuição do número de autores por artigos depende da área do conhecimento considerada. Citando Packer, quando a coleção SciELO é considerada, “perto de 50% dos artigos publicados em 2009 tem até três autores [...]. nos periódicos das ciências agrárias e ciências da saúde predominam os artigos com quatro ou mais autores...” (2011, p.51). Contextualizando a Psicologia, a Enfermagem e o próprio tema *coping* na área da saúde, esses achados podem ser melhor compreendidos.

Tipos de Produções

No que diz respeito à análise dos tipos de estudos (cf. *objetivos específicos*), foram consideradas cinco categorias distintas, inspiradas no estudo de Pinto, Santeiro e Santeiro (2010): 1) Estudo Empírico: pesquisa envolvendo levantamento e análise de dados com a finalidade de conhecer um fenômeno ou de testar uma hipótese. Usualmente é estruturado com base nos itens: introdução, objetivos, método, resultados, discussões e conclusões e envolve a participação de seres humanos; 2) Trabalho Teórico Sistemático: revisão

sistemática da literatura concernente a um tema ou tópico específico com o objetivo de delinear o estado da arte, identificar principais autores e/ou pesquisas, mostrar a evolução de conhecimentos sobre um tema específico, apontar falhas e acertos dos diversos trabalhos na área, constituindo o resumo do que é realmente importante sobre o tema focado; 3) Trabalho Teórico Assistemático: voltado para a reflexão de um tema, tópico ou conceito teórico, ou para a descrição de uma técnica psicológica. Exclui trabalhos teóricos com ilustrações clínicas, não se tratando, pois, de pesquisa sistemática como verificado no item 2 acima; 4) Estudo de Caso: focado no estudo de um caso individual, grupal ou familiar, seja para reflexão de um tema, tópico ou conceito teórico, ou para a descrição de uma técnica e/ou intervenção psicológica. Inclui trabalhos teóricos com ilustrações/resenhas clínicas que utilizam estratégias de avaliação psicológica para coleta de dados; e 5) Relato de Experiência: aplicação de novos programas ou formas de intervenção desenvolvidas empiricamente e que são descritas por seus autores e/ou praticantes.

Sendo assim, os tipos de produção observados foram, por ordem decrescente: Estudos Empíricos (n=226; 76,8%), Estudos Teóricos Assistemáticos (n=38; 12,9%), Estudos Teóricos Sistemáticos (n=14; 4,8%), seguidos por Relatos de Experiência (n=9; 3,1%) e Estudos de Caso (n=7; 2,4%). O teste χ^2 foi feito para verificação de significância estatística quanto às categorias dos tipos de pesquisa e resultou em 604,71, portanto, marcadamente superior ao $\chi^2_{c=9,49}$ ($p < 0,05$, n.g.l.=4). Esse resultado permite inferir que estudos empíricos sobre *coping*, quando comparados aos outros tipos observados, são predominantes na amostra considerada.

Observando os resultados descritos até aqui, como o sexo e a modalidade de autoria, a significância de produções empíricas, além do rigor editorial de periódicos sediados na base de dados SciELO, é preciso considerar que esse conjunto de fatores confere alto valor científico às produções sobre *coping*. Como se sabe, a Ciência é constituída por atividades de

pesquisa, que envolvem processos que vão desde a problematização de um tema até a publicação dos resultados junto à comunidade acadêmica e isso valoriza o papel das pesquisas empíricas observadas. Por outro lado, embora estatisticamente menos relevantes, os demais tipos de estudos têm o poder de respaldar e fomentar atividades de pesquisa, o que parece neste momento indicar caminhos profícuos aos interessados em aprofundamentos e ampliações sobre a temática do *coping*.

Como também é de conhecimento geral, a Psicologia brasileira é historicamente marcada por dicotomização entre pesquisa e prática (Gomes, 2003). Esses resultados podem ser reflexos dessa peculiaridade. Naturalmente, na consideração por esse tipo de raciocínio também deve ser ponderado o fato de a SciELO ser uma Biblioteca que indexa periódicos científicos. Estes, para serem bem avaliados do ponto de vista da própria comunidade científica, consideram estudos originais como prioridade editorial (SciELO, 2012).

Os achados descritos até aqui não diferem do que tem sido constatado em produções científicas de psicólogos. Costa, Amorim e Costa (2010) constataram em seu estudo, serem generalizadas as conclusões indicando que o número de produções na Psicologia tem crescido significativamente nos últimos anos e que elas têm consistido principalmente de pesquisas, com autorias predominantemente múltiplas e femininas. Quando ponderado o papel da Psicologia na divulgação de estudos sobre *coping*, esse argumento se consolida.

***Coping*: Ainda uma Nova Terminologia?**

As observações feitas sobre a especificidade ou generalidade das produções quanto aos modelos teóricos de *coping* também foram sistematizadas, a partir do momento em que se adentrou na análise do material e observou-se que o uso do termo *coping* nem sempre era específico. Sendo assim, foi analisado se os artigos especificavam a teoria de *coping* investigada/explorada, conforme propostas de autores como Lazarus e Folkman (1984) e

Moos (2002), ou se *coping* referia-se à “enfrentamento” sob outras perspectivas, não específicas, como por exemplo, enfrentamento de diferentes situações de vida, enfrentamento da prostituição, problemas com políticas públicas, envelhecimento, dor.

Nesse sentido, 120 (40,8%) artigos buscados eram referentes à ideia genérica de *enfrentamento*, enquanto grande parte deles (n=174; 59,2%) fazia referência, de fato, aos modelos teóricos de *coping*, apresentando especificidade teórica e de critérios de análise do escopo teórico de *coping*. Não foram observados estudos que faziam referência a *coping* dentro de perspectivas e modelos teóricos alternativos. A prova de Qui-quadrado de aderência indicou diferença significativa para estudos específicos sobre *coping*, resultando em 9,91 ($\chi^2_{c}=3,84$; $p<0,05$, n.g.l.=1).

Temáticas, Locais e Segmentos Populacionais

Os estudos sobre *coping* foram organizados em 13 eixos temáticos, os quais foram estabelecidos por meio de informações disponíveis nos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos: 1) competências psicológicas; 2) competências sociais; 3) cuidado à saúde das pessoas; 4) metodologia em Psicologia; 5) questões educacionais; 6) questões sobre desenvolvimento humano; 7) questões sobre o mundo do trabalho; 8) questões socioculturais; 9) transtornos afetivos; 10) transtornos de ansiedade; 11) transtornos predominantemente orgânicos; 12) transtornos relacionados ao abuso de substâncias; 13) outras questões. Aqueles enfocando transtornos predominantemente orgânicos (17,8%) foram o eixo temático mais frequente; nestes casos, o câncer e a AIDS/HIV foram dois dos subtemas mais pesquisados.

Coping em questões sobre o desenvolvimento humano foi o segundo eixo temático mais frequentemente focado (17,3%), sendo os subtemas infância/adolescência e família os mais frequentes. Estudos que focalizam o *coping* em questões socioculturais foram o terceiro

eixo temático mais frequente (15,6%), sendo que nestes casos os subtemas promoção de saúde/qualidade de vida e religião/espiritualidade foram mais frequentemente discutidos.

Sobre os locais onde os estudos foram realizados, eles foram agrupados em 7 grandes conjuntos, definidos por meio das informações constantes da metodologia das produções: 1) instituições hospitalares; 2) serviços de saúde pública e mental; 3) familiares/residenciais; 4) organizacionais/empresariais; 5) instituições escolares; 6) outros locais (ruas e praças, abrigos, delegacias etc.; e 7) locais não especificados (ou porque eram estudos teóricos, ou porque o local não foi informado no texto). Nesta análise, estudos realizados em instituições hospitalares foram os mais frequentes (27,6%), sendo os hospitais universitários os que receberam destaque, seguidos por serviços de saúde pública e mental (23,1%) e por instituições escolares (16,3%).

Finalmente, os segmentos populacionais foram organizados em 10 grandes grupos, o que também se deu por meio da análise de informações metodológicas das produções, contudo, mesmo em estudos teóricos essa informação pôde ser considerada: 1) estudantes; 2) famílias de adoecidos/cuidadores/acompanhantes; 3) homens; 4) idosos; 5) mulheres; 6) profissionais da saúde; 7) usuários de serviços de saúde; 8) outros profissionais; 9) outros segmentos (bebês de baixo peso, vítimas de queimaduras, comunidades etc.); e 10) segmento não especificado (estudos teóricos). Usuários de serviços de saúde foram os segmentos mais estudados (18,2%). Na sequência, os mais frequentes foram profissionais da saúde (17,1%) e outros profissionais (13,1%), dentre os quais professores se sobressaíram.

Considerações Finais e Sugestões

Considerando a SciELO como base de dados representativa de amostra de produções sobre *coping*, o rigor editorial impresso para que um periódico seja admitido e mantenha-se ali cadastrado, e a visibilidade da produção que divulga, este estudo traçou o perfil geral da

produção e pode contribuir para que pesquisadores desfrutem de um olhar sistematizado sobre o que vem sendo produzido sobre *coping*.

Como o estudo foi desenhado para se ocupar de produções divulgadas em periódicos indexados à base de Dados SciELO, há que se atentar para o fato de que esses mesmos periódicos também são indexados a outras bases de dados, muitas delas estrangeiras. Assim, considerando o periódico de Psicologia que mais divulgou estudos sobre *coping* como exemplo, o *Psicologia: Reflexão e Crítica*, ele é indexado em outras 22 fontes. Esse tipo de observação fortalece a representatividade da amostra estudada, no sentido de que ela abarca experiências que extravasam a realidade brasileira.

Em retomada às problematizações que conduziram as investigações e considerando-se os parâmetros metodológicos descritos, pode ser dito que a quantidade da produção sobre *coping* tem se mantido, no geral, num movimento crescente nos últimos 20 anos. É prudente ressaltar que os resultados observados nos anos iniciais de 2010 são parciais. Para serem melhor compreendidos, há que se aguardar ainda mais algum tempo para se saber se há efetivamente um aumento de produção na área, denotando solidificação de linhas de pesquisa sobre essa temática entre aqueles que buscam publicar seus trabalhos em veículos indexados à SciELO. Essa cautela é necessária, já que existem hiatos entre períodos de conclusão de relatórios de pesquisa e a publicação efetiva de seus resultados na forma de artigos.

Os estudos têm sido divulgados majoritariamente em veículos de responsabilidade editorial da Psicologia, seguidos por aqueles da Enfermagem. Isoladamente, a *Revista Latino-Americana de Enfermagem* despontou com o maior número de produções. No conjunto, periódicos da Psicologia publicaram quase metade da produção analisada (40,5%).

Autorias femininas e estabelecidas em grupos de colaboradores foram significativamente expressivas na amostra estudada, um resultado que precisa ser contextualizado diante do fato de a Psicologia e a Enfermagem serem profissões que, no

Brasil, são reconhecidamente femininas. Novas investigações permitiriam explorar se o predomínio de autoria em dupla se relaciona à publicação de artigos decorrentes de dissertações e teses, já que, no geral, os programas de pós-graduação têm progressivamente feito a opção por substituir textos em formato monográfico por artigos, como critério de aprovação de seus estudantes. Essa característica da produção coletiva pode, além disso, ser contextualizada como estratégias que os autores têm buscado para lidar com pressões institucionais e profissionais. De modo igualmente marcante, esses estudos sobre *coping* têm se consolidado por meio de pesquisas empíricas.

As produções específicas sobre *coping* foram significativas. Contudo, a temática também tem sido focada apresentando “enfrentamento” como uma transposição inexata do corpo teórico sobre *coping*. E talvez pudessem ser levantadas duas hipóteses sobre essa ocorrência, uma referente às problemáticas decorrentes da tradução do termo, e a outra ao processo evolutivo do uso de determinado vocabulário no meio científico. Neste último caso, um tempo é demandado para que um novo termo e seus significados possam ser incorporados e compreendidos, de fato, pelo seguimento acadêmico que o utiliza.

O eixo temático mais frequente nos estudos analisados enfocava *coping* em transtornos predominantemente orgânicos. Instituições hospitalares foram os locais mais frequentes onde os trabalhos sobre *coping* se desenvolveram e, por conseguinte, usuários de serviços de saúde foi o segmento populacional mais investigado e discutido.

Este relato foi referente a uma análise sistemática de parcela de artigos científicos publicados sobre *coping*, com finalidade de mapeamento geral da produção divulgada na Base de Dados SciELO. Outros aprofundamentos podem ser feitos, especialmente dispensando-se atenção aos artigos específicos sobre *coping* aqui detectados. Verificar a afiliação institucional dos seus autores, a existência de redes de colaboração sobre *coping* e analisar mais detidamente as pesquisas empíricas desenvolvidas, seriam algumas possibilidades.

Referências

- Aros, M. S., & Yoshida, E. M. P. (2009). Estudos de depressão: instrumentos de avaliação e gênero. *Boletim de Psicologia*, *LIX* (130), 61-76.
- Barroso, S. M. (2010). Avaliação psicológica: análise das publicações disponíveis na SciELO e BVS-Psi. *Fractal: Revista de Psicologia*, *22* (1), 141-154.
- Bordens, K. S., & Abbott, B. B. (1999). *Research design and methods: A process approach* (4.ed.). Mountain View (CA): Mayfield Publishing Company.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES] (2012). *Qualis periódicos*. Brasília: CAPES. Disponível em: <http://capes.gov.br/avaliacao/qualis>. Acesso em 30 ago. 2012.
- Costa, A. L. F., Amorim, K. M. O., & Costa, J. P. (2010). Profissão de psicólogo no Brasil: Análise da produção científica em artigos. Em O. H. Yamamoto & A. L. F. Costa (Orgs.), *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp.31-58). Natal: EDUFRN.
- Custódio, Z. A. O., Crepaldi, M. A., & Cruz, R. M. (2012). Desenvolvimento de crianças nascidas pré-termo avaliado pelo teste de Denver-II: revisão da produção científica brasileira. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *25* (2), 400-406.
- Domingos, N. A. M. (1999). Perspectivas da produção científica da pós-graduação em psicologia da PUC-Campinas. Em G. P. Witter (Org.), *Produção científica em Psicologia e Educação* (pp.79-102). Campinas, SP: Alínea.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, *21*, 219-239.

- Gomes, W. B. (2003). Pesquisa e prática em psicologia no Brasil. Em: O. H. Yamamoto; V. V. Gouveia. (Orgs.). *Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e da prática psicológica* (pp.23-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Granja, E. C. (1995). *Produção científica: dissertações e teses do Instituto de Psicologia da USP (1980/1989)*. Tese não publicada (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Herculano, R. D., & Norberto, A. M. Q. (2012). Análise da produtividade científica dos docentes da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília/SP. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 17 (2), 57-70.
- Joly, M. C. R. A., Berberian, A. A., Andrade, R. G., & Teixeira, T. C. (2010). Análise de teses e dissertações em avaliação psicológica disponíveis na BVS-PSI Brasil. *Psicologia: Ciência Profissão*, 30 (1), 174-187.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Massi, L., & Queiroz, S. L. (2012). Investigando processos de autoria na produção do relatório de Iniciação Científica de um graduando em Química. *Ciência & Educação (Bauru)*, 18 (2), 271-290.
- Moos, R. H. (1993). Coping response inventory youth form - professional manual. Odessa: PAR Psychological Assessment Resources.
- Moos, R. H. (2002). The mystery of human context and coping: an unraveling of clues. *American Journal of Community Psychology*, 30 (1), 67-88.
- Moos, R. H. (2003). Social context: transcending their power and their fragility. *American Journal of Community Psychology*, 31 (2), 1-13.
- Packer, A. L. (2009). The SciELO open access: a gold way from the South. *Canadian Journal of Higher Education*, 39 (3), 111-126.

- Packer, A. L. (2011). Os periódicos brasileiros e a comunicação da pesquisa nacional. *Revista USP*, 89, 26-61.
- Packer, A. L., Biojone, M. R., Antonio, I. T. R. M., García, A. P., Silva, A. C., Murasaki, R. T., Mylek, C., Reis, O. C., & Delbucio, H. (1998). SciELO: uma metodologia para publicação eletrônica. *Ciência da Informação*, 27 (2), 109–121.
- Pinto, L. P., de Lima, T. H., & de Lima, R. C. (2011). Estudo da produção científica da revista *Psico-USF* de 2007 a 2011. *Psico-USF*, 16 (3), 383-390.
- Pinto, F. P., Santeiro, T. V., & Santeiro, F. R. M. (2010). Produção científica sobre psicoterapias na base de dados PePsic (1998/2007). *Fractal: Revista de Psicologia*, 22 (2), 411-430.
- Poblacion, D. A., Witter, G. P., & Silva, J. F. M. (Orgs.) (2006). *Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação*. São Paulo: Angellara.
- Sabadini, A. Z. P., Sampaio, M. I. C., & Koller, S. H. (Orgs.) (2009). *Publicar em Psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Sampaio, M. I. C., & Serradas, A. (2009). O movimento de acesso aberto, os repositórios e as revistas científicas. Em A. Z. P. Sabadini, M. I. C. Sampaio & S. H. Koller (Orgs.), *Publicar em Psicologia: um enfoque para a revista científica* (pp.75-86). São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Sampaio, M. I. C., Serradas, A., & Santos, A. A. A. (2010). *Psicologia: Ciência e Profissão: 30 anos registrando o avanço da Psicologia Brasileira*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30 (spe), 220-229.
- Scientific Electronic Library Online [SciELO] (2012). *Sobre o SciELO: modelo SciELO*. São Paulo: FAPESP; BIREME. Disponível em:

<http://www.scielo.org/php/level.php?lang=pt&component=56&item=1> Acesso em 30 jul. 2012.

Siegel, S. (1956/1975). *Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento*.

Trad. Alfredo Alves de Farias. São Paulo: McGraw-Hill.

Witter, G. P. (2008). Psicologia da Saúde e produção científica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25 (4), 577-584.

Yoshida, E. M. P., Santeiro, T. V., Santeiro, F. R. M., & Rocha, G. M. A. (2005).

Psicoterapias breves psicodinâmicas: características da produção científica nacional e estrangeira (1980/2003). *Psico-USF*, 10 (1), 51-59.

Capítulo 2: Autores e Pesquisas sobre *Coping*: Produção Científica (SciELO, 1998/2012)

Autores e Pesquisas sobre *Coping*: Produção Científica (SciELO, 1998/2012)

Resumo: Investigar as diferenças que permitem entender os caminhos da saúde mental é uma tarefa que cabe ao psicólogo e é nessa acepção que esse trabalho se insere. A pesquisa objetivou sistematizar parcela da produção científica relacionada à *coping*, através da análise de artigos publicados em periódicos indexados à Base de Dados eletrônica SciElo, entre 1998 e 2012 (N=174). Os dados sinalizaram crescimento de publicações e o fato de *coping* tratar-se de tema de interesse interdisciplinar. Os estudos foram marcados por autorias grupais e femininas. *Coping* tem sido investigado empiricamente, com relação ao mundo do trabalho e aos transtornos predominantemente orgânicos. Adultos do sexo feminino despontaram como segmento populacional mais investigado. Novas pesquisas favoreceriam traçados mais amplos sobre esses achados.

Palavras-Chave: estilos de enfrentamento; bases de dados; periódicos científicos; metaciência.

Authors and Research on Coping: Scientific Production (SciELO, 1998/2012)

Abstract: Investigate the differences that allow us to understand the pathways of mental health is a task for the psychologist and is in this sense that this work fits. The research aimed to systematize portion of the scientific production related to coping, through the analysis of articles published in journals indexed to the electronic Database SciElo between 1998 and 2012 (N = 174). The data signaled growth of publications and the fact that coping it was topic of interdisciplinary interest. The studies were developed by groupal and female authorship. Coping has been empirically investigated with respect to the working world and predominantly organic disorders. Adult female population segment emerged as the most investigated. Further research would provide broader tracings about these findings.

Keywords: coping styles; databases; journals; metascience.

Introdução

Discutir saúde mental é tentar compreender os mecanismos pelos quais as pessoas enfrentam as suas adversidades, permanecendo mais ou menos saudáveis. Investigar as diferenças que permitem entender os caminhos da saúde mental é uma tarefa que cabe ao psicólogo e é nessa acepção que esse trabalho sobre *coping* se insere.

Coping é definido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de estresse e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais (Lazarus & Folkman, 1984). Folkman e Lazarus (1980) propõem um modelo que divide o *coping* em duas categorias funcionais: 1) *coping* focado no problema e 2) *coping* focado na emoção.

O modelo de Folkman e Lazarus (1980) envolve quatro conceitos principais: 1) *coping* é um processo ou uma interação que se dá entre o indivíduo e o ambiente; 2) a função do *coping* é de administração da situação estressora, ao invés de controle ou domínio da mesma; 3) os processos de *coping* pressupõem a noção de avaliação, ou seja, como fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado na mente do indivíduo; e 4) o processo de *coping* constitui-se em uma mobilização de esforço, através da qual os indivíduos irão empreender esforços cognitivos e comportamentais para administrar (reduzir, minimizar ou tolerar) as demandas internas ou externas que surgem da sua interação com o ambiente.

Por definição, *coping* é visto como um mediador entre um estressor e o resultado advindo desse estressor (Folkman & Lazarus, 1980). Há uma relação intrínseca entre as estratégias de *coping* e seus resultados, portanto. Estilos de *coping* têm sido mais relacionados a características de personalidade ou a resultados de *coping*. Estratégias referem a ações cognitivas ou de comportamento tomadas no curso de um episódio particular de estresse.

Embora os estilos possam influenciar a extensão das estratégias de *coping* selecionadas, eles são fenômenos distintos e têm diferentes origens teóricas.

Ao contrário dos estilos de *coping*, ligados a fatores disposicionais do indivíduo, as estratégias de *coping* têm sido vinculadas a fatores situacionais. Folkman e Lazarus (1980) enfatizam o papel assumido pelas estratégias de *coping*, apontando que estas estratégias podem mudar de momento para momento, durante os estágios de uma situação estressante. Dadas esta variabilidade nas reações individuais, estes autores defendem a impossibilidade de se tentar prever respostas situacionais a partir do estilo típico de *coping* de uma pessoa.

Considerar essas definições sobre *coping* permite reconhecê-lo como um dos possíveis pilares para compreender problemas de saúde mental, ao lado de outros comportamentos emitidos pela pessoa, no cotidiano. É esperado que essas conceituações tenham sido ilustrativas de que se tratam de aspectos mais globais, que são os referentes à saúde mental humana. Nesse sentido de buscar compreender o modo como produções científicas sobre *coping* têm sido desenvolvidas, um exercício que não encontrou precedentes na realidade brasileira, esta pesquisa objetivou sistematizar parte da produção científica relacionada à *coping*, através da análise de artigos publicados em periódicos indexados à Base de Dados eletrônica SciElo, entre 1998 e 2012. Além do mais, trata-se de uma proposta de continuidade e aprofundamento a questionamentos detectados noutro momento (Santeiro & Zanini, manuscrito).

De modo mais específico, neste momento objetivou-se averiguar: a) distribuição da produção, por ano; b) periódicos divulgadores; c) autoria (sexo e modalidades); d) autores dos estudos; e) afiliação institucional dos autores; f) tipos de estudos sobre *coping*; e g) nos casos de estudos empíricos, levantar g.1) temáticas, g.2) locais, g.3) segmentos populacionais; e g.4) estratégias de avaliação de *coping* utilizadas para coleta de dados.

Método

Material: artigos publicados em periódicos científicos indexados à Base de Dados eletrônica SciELO (N=174), no período compreendido entre 1998, momento de registro do primeiro artigo publicado sobre *coping*, e 2012, ano de encerramento da busca bibliográfica.

Critérios de Inclusão: quaisquer produções sobre *coping*, desde que a) estivessem disponíveis *on-line* até marco de 2012, quando a busca de informações encerrou-se; e b) apresentassem especificidade teórica sobre *coping*, detectada por informações divulgadas no artigo, que deveriam estar amparadas em bibliografia específica, tal como as propostas de precursores da temática *coping*, como Lazarus e Folkman (1984) e Moos (2002).

SciELO: SciELO é a sigla utilizada para designar a *Scientific Electronic Library Online* (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha). É uma base de dados de acesso aberto e disponível *on-line*, desde 1997. Sua concepção se fundamenta na crença de que o acesso adequado e atualizado à informação técnico-científica é essencial para o desenvolvimento econômico e social. Seus objetivos incluem a facilitação da comunicação, a ampliação da visibilidade da ciência produzida em países em desenvolvimento, particularmente na América Latina e Caribe (Packer, 2009; SciELO, 2012).

Procedimento: os procedimentos seguiram os seguintes passos: 1) levantamento e acesso às produções, por meio do descritor *coping*; 2) refinamento do material coletado, conforme a especificidade de análise/estudo sobre *coping* (cf. Santeiro & Zanini, manuscrito); 3) categorização dos achados e tratamento quantitativo dos dados, por meio da realização de

teste estatístico *não-paramétrico* (Qui-quadrado; Siegel, 1956/1975; $p < 0,05$); e 4) análise qualitativa para discutir o grau de desenvolvimento da produção científica analisada.

Resultados e Discussão

Distribuição da Produção sobre *Coping*

Considerada no geral, a amostra de artigos (N=174) indica uma média de 21,7 artigos recuperados por ano (DP=10,18). O surgimento das duas primeiras produções sobre *coping* e divulgadas em periódicos indexados à Base de Dados SciELO foi detectado no final dos anos 1990 (n=2; 1,2%), sendo elas datadas de 1998 e 2000. Na próxima década o número de publicações obedeceu a um aumento praticamente ininterrupto, partindo de 6 produções em 2001 (3,4%) e culminando com 27 (15,5%) em 2010. No início dos anos 2010 foi registrado o maior número de publicações no período estudado, sendo que em 2011 foi mantida a ascendência quantitativa observada na década anterior (n=28; 16,1%; Tabela 1), havendo exceção observada em 2012, ano limitado em sua representatividade, pelo encerramento da busca de documentos ter ocorrido em abril.

A título de curiosidade e para atualização de informações sobre o tema “*coping*” e como ele tem se apresentado na Base SciELO, quando a busca de artigos foi refeita em outubro de 2012, com metodologia semelhante à descrita por Santeiro e Zanini (manuscrito), cruzando-se os verbetes “*coping*” e “2012”, respectivamente nos campos “todos os índices” e “ano de publicação”, 35 novos estudos sobre *coping* foram encontrados, o que pode ser visto como sinal de dinamismo de indexação das publicações sobre *coping* na base de dados SciELO.

Uma observação importante e que se refere ao fato da primeira publicação constatada sobre *coping* datar de 1998, é que ela se trata do estudo de Antoniazzi, Dell’Aglio e Bandeira. (1998). Ao longo da condução dos estudos e sistematização de dados aqui apresentados, foi

observado que ele é a contribuição mais citada¹. Nesse sentido, foi comum verificar que os autores de estudos que compuseram esta amostra praticamente não citaram diretamente os precursores da temática *coping* (por exemplo, Lazarus e Folkman, 1984). Estes eram usualmente mencionados por meio de citações feitas por Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira à obra original de Lazarus e Folkman. Apesar de não se buscar questionar a qualidade das informações trazidas pelo texto de Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira, o que de todo modo seria insustentável, é sabido que a técnica de citação secundária é um recurso metodológico menos apropriado que se dispõe aos pesquisadores, porque por meio dela correm-se riscos de se obter compreensões inadequadamente formuladas.

Periódicos Divulgadores

Quanto aos periódicos que divulgaram trabalhos sobre *coping*, foram observados 37 títulos, os quais tiveram, no geral, de 15 a 1 produção no período pesquisado (Média=4,7 artigos/periódico; DP=5,0). Desse montante, 50% concentraram-se em 6 periódicos: 1) *Psicologia: Reflexão e Crítica* (n=19; 10,9%); 2) *Revista da Escola de Enfermagem da USP* (n=15; 8,6%); 3) *Estudos de Psicologia de Campinas* (n=14; 8,0%); 4) *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (n=14; 8,0%); 5) *Revista Latino-Americana de Enfermagem* (n=14; 8,0%); e 6)

¹ Em complemento a essas observações sobre a relevância do estudo de Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira (1998) enquanto divulgador da concepção teórica sobre *coping* em língua portuguesa, a análise das estatísticas de acesso aos fascículos mais visitados da Revista *Estudos de Psicologia de Natal*, através dos recursos disponibilizados pela própria SciELO, indicou 48.946 acessos ocorridos desde abril de 2001. Anteriormente a esse período, não há estatística disponível. Em assim considerando os últimos 11 anos compreendidos entre abril de 2001 e outubro de 2012, a média de acessos a esse artigo específico resulta em 4.449 acessos/ano, ou em 138 meses observou-se uma média de 354 acessos/mês. Ainda de modo complementar, quando a história de fascículos mais acessados do periódico *Estudos de Psicologia de Natal* é tomada em consideração, um veículo que em 2012 obteve avaliação pela CAPES/Qualis como A2 (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2012), o estudo de Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira (1998) foi o décimo mais visitado). Em termos de contextualização do número de visitas do artigo de Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira nos 10 meses iniciais de 2012, recebeu 3.365 acessos (Média=336 acessos/mês), mesmo ele tendo completado 14 anos no ano em questão. Para contrastar com o resultado observado no início da indexação do artigo, o que ocorreu em abril de 2001, de maio de 2001 a dezembro do mesmo ano, isto é, em 8 meses, o número de acessos havia sido de 376/ano (Média=47 acessos/mês). Isto é, este caso individual de artigo reflete o aumento da quantidade de acessos propiciados por mecanismos de busca *on-line* e do tipo “acesso aberto”, ao longo do tempo de existência da base de dados SciELO, o que também consolida observações relatadas por Santeiro e Zanini (manuscrito).

Psicologia em Estudo (n=11; 6,3%). Outros detalhamentos podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 1: distribuição da produção sobre *coping*, por ano (N=174).

Ano da Produção	F	%	F Acumulada	% Acumulada
1998	1	0,6	1	0,6
1999	--	--	1	0,6
2000	1	0,6	2	1,2
2001	6	3,4	8	4,6
2002	7	4,0	15	8,6
2003	6	3,4	21	12,1
2004	6	3,4	27	15,5
2005	14	8,1	41	23,6
2006	8	4,6	49	28,2
2007	23	13,2	72	41,4
2008	22	12,6	94	54,0
2009	24	13,8	118	67,8
2010	27	15,5	145	83,3
2011	28	16,1	173	99,4
2012	1	0,6	174	100
Total	174	99,9	174	100

Como pode ser constatado a partir da Tabela 2, periódicos de responsabilidade editorial da Psicologia são responsáveis pelo maior volume de artigos publicados (n=89 artigos; 51,1%), seguidos pelos de Enfermagem (n=48 artigos; 27,6%), de Medicina (n=21 artigos; 12,1%) e por revistas de outras áreas (n=16 artigos; 9,2%). Por outro lado, quando se considerou a quantidade dos títulos desses periódicos divulgadores, foi verificado que são, em predomínio, das áreas de Medicina e de Psicologia: 11 títulos foram observados em cada uma delas, o que corresponde a 29,7% cada, sendo as revistas *Psicologia: Reflexão e Crítica* e *Revista de Psiquiatria Clínica* responsáveis pelo maior número de artigos publicados em suas áreas (n=19 e n=6, respectivamente). Títulos da área de Enfermagem foram os segundos mais frequentes (n=6; 16,2%), sendo a *Revista da Escola de Enfermagem da USP* o que obteve o maior número de artigos publicados sobre *coping* (n=15). Houve, ainda, periódicos da área de

Educação, Saúde Pública/Coletiva e Interdisciplinares, que foram agrupados como Títulos de Outras Áreas (n=9; 24,3%).

Tabela 2. Relação de periódicos, em ordem decrescente de frequência de publicação de artigos, por periódico, com respectiva avaliação Qualis/CAPES na área de Psicologia (2012).

Periódico	F	%	F Acumulada	% Acumulada	Qualis/CAPES
1. <i>Psicologia: Reflexão e Crítica</i>	19	10,9	19	10,9	A1
2. <i>Revista da Escola de Enfermagem da USP</i>	15	8,6	34	19,5	B1
3. <i>Estudos de Psicologia de Campinas</i>	14	8,0	48	27,6	A2
4. <i>Psicologia: Teoria e Pesquisa</i>	14	8,0	62	35,6	A1
5. <i>Revista Latino-Americana de Enfermagem</i>	14	8,0	76	43,7	B1
6. <i>Psicologia em Estudo</i>	11	6,3	87	50,0	A2
7. <i>Estudos de Psicologia de Natal</i>	10	5,7	97	55,7	A2
8. <i>Paidéia</i>	8	4,6	105	60,3	A1
9. <i>Acta Paulista de Enfermagem</i>	7	4,0	112	64,4	B1
10. <i>Revista Brasileira de Enfermagem</i>	7	4,0	119	68,4	B2
11. <i>Psico-USF</i>	6	3,4	125	71,8	A2
12. <i>Revista de Psiquiatria Clínica</i>	6	3,4	131	75,3	B3
13. <i>Cadernos de Saúde Pública</i>	4	2,3	135	77,6	A2
14. <i>Arquivos de Neuro-Psiquiatria</i>	3	1,7	138	79,3	B1
15. <i>Psicologia USP</i>	3	1,7	141	81,0	B1
16. <i>Revista Gaúcha de Enfermagem</i>	3	1,7	144	82,8	B1
17. <i>Ciência e Saúde Coletiva</i>	2	1,1	146	83,9	A2
18. <i>Educação e Pesquisa</i>	2	1,1	148	85,1	B1
19. <i>Psicologia Escolar e Educacional</i>	2	1,1	150	86,2	B1
20. <i>Revista Brasileira de Medicina do Esporte</i>	2	1,1	152	87,4	B1
21. <i>Revista Brasileira de Psiquiatria</i>	2	1,1	154	88,5	A2
22. <i>Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul/Trends in Psychiatry and Psychotherapy</i>	2	1,1	156	89,6	B3
23. <i>Revista de Saúde Pública</i>	2	1,1	158	90,8	A2
24. <i>Saúde e Sociedade</i>	2	1,1	160	91,9	B2
25. <i>Texto Contexto Enfermagem</i>	2	1,1	162	93,1	B1
26. <i>Anais Brasileiros de Dermatologia</i>	1	0,6	163	93,7	B1
27. <i>Fractal Revista de Psicologia</i>	1	0,6	164	94,2	B1
28. <i>Interface: Comunicação, Saúde, Educação</i>	1	0,6	165	94,8	B2
29. <i>Jornal Brasileiro de Nefrologia</i>	1	0,6	166	95,4	não aval. psico.
30. <i>Jornal de Pediatria</i>	1	0,6	167	96,0	B2
31. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i>	1	0,6	168	96,5	A2
32. <i>Psychology & Neuroscience</i>	1	0,6	169	97,1	A2
33. <i>Revista Brasileira de Educação Física e Esporte</i>	1	0,6	170	97,7	B2
34. <i>Revista Brasileira de Educação Médica</i>	1	0,6	171	98,3	B2
35. <i>Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia</i>	1	0,6	172	98,8	B3
36. <i>Revista da Associação Médica Brasileira</i>	1	0,6	173	99,4	B2
37. <i>Revista do Hospital das Clínicas (Continua como Clinics)</i>	1	0,6	174	100	B1
Total	174	100	174	100	--

Autoria dos Documentos

Os documentos analisados foram classificados quanto ao sexo e à modalidade de autoria. Nesse sentido, foi observado que quanto ao sexo, eles foram marcados significativamente por autorias femininas (n=107; 61,5%; [$\chi^2=84,5$; $\chi^2c=5,99$; $p<0,05$;

n.g.l.=2]), seguidas por mistas (n=59; 33,9%) e masculinas (n=8; 4,6%). As modalidades de autoria observadas foram ordenadas de simples (autoria única) a quántupla ou mais, tendo havido destaque significativo para trabalhos assinados em dupla (48,8% [$\chi^2=117,24$; $\chi^2c=9,49$; $p<0,05$; n.g.l.=4]). Cabe observar, portanto, que, no conjunto geral, os estudos analisados são marcados pela modalidade de autoria grupal (96,6%) e feminina (61,5%). E há que se retomar que a Psicologia e a Enfermagem foram as duas áreas que responderam pela maior parte de artigos indexados à SciELO e que essas são profissões consideradas femininas, em especial na realidade da produção latino-americana que essa base de dados concentra (SciELO, 2012).

Em complemento, convém considerar que produções acadêmicas grupais, sejam elas estabelecidas em duplas ou em maior número, denotam desenvolvimento científico desejável, para além da temática de investigações incidir sobre *coping*. A esse respeito, Vanz e Stumpf (2010), dizem que o fenômeno da colaboração entre cientistas é antigo e que vem crescendo em todas as áreas e em diversas localidades. Para essas autoras, pode-se entendê-la como uma prática saudável e benéfica, tanto para a comunidade científica, como para “as instituições e países aos quais os pesquisadores estão vinculados.” (p.51-52).

Algumas das motivações que movimentam pesquisadores a buscarem vínculos de cooperação e compartilhamento de conhecimentos, usualmente se atrelam ao acesso a equipamentos e materiais e à maior especialização e aprofundamento das pesquisas. Além do mais, “Os resultados concretos de um trabalho publicado em co-autoria [...] apresentam maior probabilidade de aceite e maior número de citações, quando comparado a trabalhos publicados individualmente (Vanz & Stumpf, 2010, p.52). Naturalmente, esse raciocínio apresenta algum sentido, desde que a produção grupal não responda a necessidades fraudulentas e de manipulações no meio acadêmico (Garcia, Martrucelli, Rossilho & Denardin, 2010). Outro argumento a ser ponderado refere-se à constante inserção de mulheres

nas diversas áreas científicas, em especial após a segunda metade do século passado, o que tem sido mantido nos dias atuais, mesmo naquelas áreas que historicamente eram tidas como masculinas (Leta, 2003; Vasconcellos & Brisolla, 2009).

Continuando a análise das questões pertinentes aos produtores dos artigos que compuseram a amostra, no total foram observados 370 autores. A variabilidade de produções por autor foi de 1 a 9: 1 autor publicou 9, 8 e 7 artigos; 2 autores assinaram 5; 5 publicaram 4; e 10 se responsabilizaram por 3 artigos. Por fim, 45 autores publicaram 2 artigos e os demais 305 foram responsáveis por 1 artigo cada.

Dos 370 autores totais, os dez primeiros foram aqueles que publicaram, no mínimo, 4 artigos em periódicos indexados à SciELO. Eles são os seguintes, com as respectivas frequências de artigos e principal vínculo institucional atual com universidades (destacado nos respectivos Currículos Lattes e indicado entre parêntesis): Eliane Maria Fleury Seidl (9; Universidade de Brasília); Denise Ruschel Bandeira (8; Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Bartholomeu Torres Tróccoli (7; Universidade de Brasília); Eliane Corrêa Chaves (5; Universidade de São Paulo/SP); Sônia Regina Fiorim Enumo (5; Pontifícia Universidade Católica de Campinas); Carmen Lúcia Cardoso (4; Universidade de São Paulo/RP); Áderson Luiz da Costa Junior (4; Universidade de Brasília); Débora Dalbosco Dell'Aglio (4; Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Sheila Giardini Murta (4; Universidade de Brasília); e Daniela Sacramento Zanini (4; Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

Dos resultados apresentados sobre os autores que mais publicaram artigos sobre *coping*, em periódicos cadastrados à SciELO, percebe-se que grande parte deles (80,0%) é vinculada a universidades públicas e o restante, a profissionais. Áderson da Costa Junior, Bartholomeu Torres Tróccoli e Eliane Maria Fleury Seidl pertencem a uma mesma rede de colaboração, conforme dados disponibilizados em seus Currículos Lattes. Bartholomeu Torres Tróccoli e Sheila Giardini Murta, por sua vez, também integram outra rede de colaboração, o

mesmo ocorrendo com Denise Ruschel Bandeira e Débora Dalbosco Dell'Aglio. As instituições de vínculo dos autores serão detalhadas no próximo item.

Afiliações Institucionais

De modo geral, foi constatado um montante de 114 instituições de vínculo dos autores cujos estudos compuseram a amostra. Nestas instituições, percebeu-se uma variabilidade de 62 autores a 1 autor produtor trabalhos sobre *coping* publicados em periódicos indexados à SciELO. Percebe-se, além disso, que instituições brasileiras, públicas e das regiões sul e sudeste, concentraram a maior parte dos produtores dos estudos (78,1%). Houve ainda, autores que se vinculavam a instituições estrangeiras (21,9%), sendo as portuguesas e as argentinas as mais frequentes.

Se consideradas as 10 instituições que mais tiveram autores afiliados, constatou-se que a Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, aglutinou 62 autores (12,1%). Em quarto lugar, foram observados produtores vinculados à mesma instituição, contudo ao Campus de São Paulo (n=35; 6,8%). Esses dois resultados ressaltam o papel dessa instituição estadual paulista como aquela que tem concentrado produtores sobre *coping* na amostra estudada. Também são instituições estaduais paulistas outras 2 observadas entre as 10 primeiras: a Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (n=14; 2,7%) e a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Botucatu (n=13, n=2,5%).

Também chama à atenção a quantidade de autores vinculados a instituições do centro-oeste, nordestinas e, mais ainda, às estrangeiras. Estas correspondem a 21,9% das afiliações. Por outro lado, o estudo ressaltou a ausência de autores afiliados a instituições do norte do país, exceto por 1 vínculo institucional à Universidade Federal do Pará, o que, em contraste à quantidade de produções observadas nas regiões sudeste e sul, denota desequilíbrios que ainda marcam o cenário científico brasileiro (Tabela 3). Assinala-se que esta é uma característica da produção científica de forma geral, e não exclusivamente do tema *coping*.

Cabe observar que o cálculo de vínculos institucionais considerou a frequência de vezes que determinado autor declarava sua afiliação, de modo que um mesmo autor foi considerado diversas vezes. Outra constatação merecedora de destaque é que em 17 produções não houve indicação de vínculo do autor, o que não deixa de ser questionável, já que, de modo geral, os periódicos têm esse tipo de informação como critério editorial no momento de submissão de artigos.

Tipos de Estudos sobre *Coping*

No que diz respeito à análise dos tipos de estudos (cf. objetivos específicos, item “F”), foram consideradas cinco categorias distintas, as quais foram detalhadas em Santeiro e Zanini (manuscrito) e aqui, por questões de limites espaciais, serão apenas mencionadas: 1) estudo empírico; 2) estudo teórico assistemático; 3) estudo teórico sistemático; 4) estudo de caso; e 5) relato de experiência. Os resultados indicaram que estudos empíricos foram significativamente mais frequentes: 77,6% (n=135), seguidos de teóricos assistemáticos (n=19; 10,9%) e de teóricos sistemáticos (n=12; 6,9%). Em proporções ainda menores foram observados estudos de caso (n=6; 3,4%) e relatos de experiência (n=2; 1,2%). Esses resultados são tidos como indicadores positivos da produção científica sobre *coping* e publicados nos últimos 15 anos, nos periódicos indexados à rede SciELO, sobretudo quando se considera pesquisa e prática como atividades que podem se retroalimentar (Gomes, 2003).

Temáticas, Locais e Segmentos Populacionais Pesquisados

Onze eixos temáticos foram detectados nos estudos empíricos sobre *coping*: 1) competências psicológicas; 2) competências sociais; 3) cuidado à saúde das pessoas; 4) metodologia em Psicologia; 5) questões sobre desenvolvimento humano; 6) questões sobre o mundo do trabalho; 7) questões socioculturais; 8) transtornos afetivos; 9) transtornos

predominantemente orgânicos; 10) transtornos relacionados ao abuso de substâncias; e 11) outras questões, as quais versam sobre temáticas frequentes uma única vez. Observa-se que esses grandes grupos temáticos foram estabelecidos: a) por meio das informações veiculadas nos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos, estruturas do trabalho acadêmico que procuram demonstrar informações essenciais do mesmo; e b) após consideração de suas frequências. Não houve, assim, predefinição de temas anteriormente à consideração dos dados. Alguns desses 11 eixos foram subdivididos, para visualização detalhada (Tabela 4).

Tabela 3. Nacionalidade das instituições de vínculo dos autores dos artigos.

Nacionalidade das Instituições	Estado (Região*)	F	%
Brasileiras	São Paulo (SE)	27	23,7
	Rio Grande do Sul (S)	19	16,7
	Paraná (S)	8	7,0
	Distrito Federal (CO)	5	4,4
	Minas Gerais (SE)	5	4,4
	Paraíba (NE)	5	4,4
	Goiás (CO)	4	3,5
	Rio de Janeiro (SE)	4	3,5
	Bahia (NE)	3	2,6
	Sergipe (NE)	1	0,9
	Santa Catarina (S)	1	0,9
	Sergipe (NE)	1	0,9
	Espírito Santo (SE)	1	0,9
	Ceará (NE)	1	0,9
	Pernambuco (NE)	1	0,9
	Rio Grande do Norte (NE)	1	0,9
	Piauí (NE)	1	0,9
	Pará (N)	1	0,9
Subtotal Instituições Brasileiras		89	78,1
Estrangeiras	Portuguesas	9	7,9
	Argentinas	6	5,3
	Chilenas	3	2,6
	Canadenses	2	1,7
	Espanholas	2	1,7
	Mexicanas	2	1,7
	Norte-Americanas	1	0,9
Subtotal Instituições Estrangeiras		25	21,9
Total Geral		114	100

* Legenda de regiões brasileiras: SE=sudeste; NE=nordeste; N=norte; S=sul; CO=centro-oeste.

Em considerando os 11 grandes agrupamentos temáticos, verificou-se que *coping* tem sido investigado com relação ao mundo do trabalho (n=35; 23,3%), aos transtornos

predominantemente orgânicos (n=23; 15,3%) e às questões sobre desenvolvimento humano (n=21; 14,0%). Quando se consideraram as subdivisões havidas nesses 3 grandes conjuntos de temas mais frequentes, constatou-se, respectivamente, que os subtemas estresse, câncer e infância/adolescência foram os mais investigados (Tabela 4).

Os locais onde os estudos empíricos sobre *coping* ocorreram foram organizados de acordo com 5 grandes grupos, extraídos dos itens metodológicos das produções: 1) instituições hospitalares; 2) serviços de saúde pública e mental; 3) instituições escolares; 4) outros locais; e 5) locais não especificados/informados nos textos. De modo geral, perceberam-se instituições escolares como os locais onde as coletas de dados foram realizadas com maior frequência (n=39; 28,9%), seguidas de serviços públicos de saúde pública e mental (n=31; 23,0%) e de instituições hospitalares (n=27; 20,0%).

Em complemento, os grandes agrupamentos de locais de realização de estudos empíricos foram pormenorizados. Nas instituições escolares houve maior frequência de estudos enfocando o ensino público de nível infantil e fundamental (n=13; 9,6%). Nos serviços de saúde pública e mental, aqueles vinculados a instituições de ensino superior foram os mais estudados (n=24; 17,8%) e nas instituições hospitalares, os hospitais gerais (n=18; 13,3%). Ressalta-se que, assim como na análise dos eixos temáticos, os locais de ocorrência de estudos empíricos não foram previamente estabelecidos.

Por fim, os segmentos populacionais investigados nos estudos empíricos sobre *coping* foram organizados em 8 grandes conjuntos: 1) etapa de desenvolvimento; 2) famílias; 3) mulheres; 4) homens; 5) profissionais da saúde; 6) outros profissionais; 7) usuários de serviços de saúde; e 8) outros segmentos. Assim como procedido nas duas análises anteriores, na de temáticas e na de locais, os segmentos foram constituídos na medida em que os dados eram levantados. Nessa direção, por exemplo, ao se constatar que mulheres era um segmento frequente, essa percepção gerou a consideração por esse segmento como significativo, ao

ponto de ser separado de outros, por exemplo, de “etapa de desenvolvimento – adultos”. Também há que se considerar que nos 135 estudos empíricos, em alguns deles mais de um segmento era considerado, o que inflacionou o tamanho da amostra nesta análise específica (N=175). “Médicos”, por exemplo, foi informação tabulada tanto em “profissionais da saúde”, quanto em “etapa de desenvolvimento – adultos”.

Tabela 4. Temáticas dos estudos empíricos sobre *coping* (N=150*).

Temáticas		F	%
Competências Psicológicas	Bem-Estar/Qualidade de Vida	14	9,3
	Neuroticismo	1	0,7
	Assertividade/Autoeficácia	2	1,3
Subtotal Competências Psicológicas		17	11,3
Competências Sociais	Suporte Social/Rede Social	4	2,7
	Comportamento de Risco	1	0,7
	Ambiente Social/Ecologia	2	1,3
	Habilidades Sociais	3	2,0
Subtotal Competências Sociais		10	6,7
Cuidado à Saúde das Pessoas	Cuidadores	3	2,0
	Histectomia	1	0,7
	Diálise	2	1,3
	Transplante Renal	1	0,7
	Psicoterapias	2	1,3
	Tratamento Radioterápico/Quimioterápico	2	1,3
	Hospitalização	5	3,3
	Adesão ao Tratamento Hospitalar	1	0,7
Subtotal Cuidado à Saúde das Pessoas		17	11,3
Metodologia em Psicologia	Validação de Instrumentos de Avaliação Psicológica	6	4,0
Questões sobre Desenvolvimento Humano	Infância/Adolescência	19	12,7
	Envelhecimento	2	1,3
Subtotal Questões sobre Desenvolvimento Humano		21	14,0
Questões sobre o Mundo do Trabalho	Estresse	22	14,7
	<i>Burnout</i>	1	0,7
	Saúde Ocupacional	12	8,0
Subtotal Questões sobre o Mundo do Trabalho		35	23,3
Questões Socioculturais	Exclusão Social	1	0,7
	Religião/Espiritualidade	3	2,0
	Violência Doméstica contra a Mulher	2	1,3
	Gênero	1	0,7
	Representação Social	2	1,3
Subtotal Questões Socioculturais		9	6,0
Transtornos Afetivos	Transtorno de Humor (Depressão/ <i>Alexitimia</i>)	3	2,0
Transtornos Predominantemente Orgânicos	HIV/AIDS	9	6,0
	Diabetes	1	0,7
	Sintomas Osteomusculares	1	0,7
	Câncer	10	6,7
	Cardiopatia	1	0,7
	Paralisia Cerebral	1	0,7
Subtotal Transtornos Predominantemente Orgânicos		23	15,3
Transtornos Relacionados ao Abuso de Substâncias		4	2,7
Outras Questões	Síndrome de <i>Down</i>	1	0,7
	Questões Educacionais (Pós-Graduação)	1	0,7
	Transtorno de Ansiedade	1	0,7
	Transtorno Alimentar/Obesidade	1	0,7
	Transtorno de Personalidade	1	0,7
Subtotal Outras Questões		5	3,3
Total		150	100

* Em alguns dos 135 estudos empíricos foram observados dois eixos temáticos.

Colocadas essas ressalvas, estudos empíricos que analisavam questões de *coping* em etapas de desenvolvimento foram os mais frequentes (n=94; 53,7%), momentos nos quais adultos foram mais investigados (n=52; 29,7%). Estudos que se ocupavam de mulheres foram os segundos mais reiterados (n=18; 10,3%), havendo certo destaque para aquelas portadoras de HIV/AIDS (n=7; 4,0%). Em terceiro lugar, constatou-se que “outros profissionais” foram mais estudados (n=13; 7,4%), dentre os quais professores e bancários se sobressaíram (n=2; 1,14% cada).

Estratégias de Avaliação de *Coping*

As estratégias de avaliação de *coping* foram consideradas conforme 6 agrupamentos:

- 1) entrevista: conversa entre duas ou mais pessoas, em que perguntas são feitas pelo entrevistador, para obtenção de informações;
- 2) questionário: instrumento de coleta de informação utilizada numa sondagem ou num inquérito;
- 3) escala: instrumento de medida que operacionaliza um construto em itens, possui técnica de aplicação e coleta de informação e apresenta dados de qualidade psicométrica;
- 4) teste: instrumento desenhado para medir construtos não observáveis. Tem os mesmos padrões de exigências das escalas. Deve ser analisado quanto à sua validade, fidedignidade e apresentar dados de normatização;
- 5) observação documental: análise sistemática e/ou assistemática de documentos decorrentes de atividades de pesquisa e produção acadêmica; e
- 6) outras estratégias: quaisquer outras estratégias utilizadas para obtenção de informação que não as anteriores (exemplos: oficina, visita domiciliar, pesquisa de campo, dados biodemográficos etc.).

Os seguintes resultados foram observados e são apresentados por ordem decrescente (N=272 estratégias; Média=1,56 estratégias/artigo empírico): 1) escalas (n=114; 41,9%); 2) entrevistas (n=63; 23,2%); 3) questionários (n=36; 13,2%); 4) observação documental (n=32; 11,8%); 5) testes psicológicos (n=13; 4,8%); e 6) outras estratégias (n=14; 5,1%). Houve,

ainda, 17 casos nos quais a descrição da estratégia utilizada não permitiu a classificação em nenhuma dessas categorias. O teste χ^2 foi feito para verificação de significância estatística quanto às categorias dos tipos de estratégias de avaliação de *coping*, após supressão da categoria “outras estratégias”, e resultou em 118,99. Portanto, marcadamente superior ao $\chi^2_{c=9,49}$ ($p < 0,05$, n.g.l.=4). Esse resultado permite inferir que estudos sobre *coping* que utilizaram escalas como estratégias de avaliação, quando comparados a outros tipos observados, foram predominantes na amostra considerada. A título de exemplificação, os seguintes instrumentos foram os mais frequentemente utilizados nos estudos empíricos analisados: Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (n=12), Inventário de Estratégias de *Coping* de Folkman e Lazarus (n=11), Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (n=9) e Inventário de Depressão de Beck (n=4). Os demais foram utilizados com menor frequência (entre 1 e 2) e totalizaram 39 escalas. Cabe mencionar que dentre os últimos, nem sempre a nomenclatura utilizada para descrição dos instrumentos, feita pelos autores, permitiu padronizar informações, por estar genericamente indicada (por exemplo, “Inventário de Respostas de Enfrentamento”, “Escala de *Coping*” e “Inventário de Estratégias de Enfrentamento”).

Considerações Finais e Sugestões

Quando analisados em conjunto, os dados sinalizaram crescimento de publicações sobre *coping*, nos últimos 15 anos e em periódicos indexados à SciELO, bem como o dinamismo desta Base enquanto mecanismo de publicação que tem respondido às demandas de visibilidade e acessibilidade gratuita à produção científica sobre *coping*.

A análise de periódicos divulgadores indicou o fato de *coping* tratar-se de tema de interesse interdisciplinar e que revistas médicas são numericamente superiores em termos de

quantidade de títulos onde produções sobre *coping* foram divulgadas. A Psicologia foi responsável pelo maior volume de artigos considerados.

Nesse sentido, os estudos foram marcados por autorias grupais e femininas, o que se atrelou ao fato de serem publicados, em sua maior parte, por psicólogos e enfermeiros. Quanto aos autores destacados na amostra estudada, percebeu-se dispersão, embora alguns deles, em especial vinculados a instituições públicas, tenham parcela considerável de publicações indexadas à SciELO. Eliane Maria Fleury Seidl, Denise Ruschel Bandeira e Bartholomeu Torres Tróccoli são alguns exemplos. Nesse instante, cabe ponderar que as produções destes e de outros autores visualizados no processo de pesquisa, extravasam publicações indexadas à SciELO, que aqui tem sido uma base de dados eleita como “estudo de caso”. Igualmente, “produção científica” é algo que vai muito além de “produzir artigos”. Estes, contudo, são o produto final almejado pelo pesquisador, que seria aquele no qual suas ideias e contribuições científicas são submetidas e disponibilizadas aos pares, o que por sua vez propicia acúmulo de conhecimentos e permite a “construção” da Psicologia como ciência e profissão.

Discutir as afiliações institucionais dos produtores sobre *coping* é um exercício que comporta relevância científica e social e, em igual medida, implica numa grande responsabilidade. O valor reside basicamente porque essa atividade propicia, em acréscimo aos periódicos e às autorias que vinham sendo discutidos, o mapeamento de grupos e instituições que vêm realizando investigações sobre esse construto teórico, com vistas à disponibilização desses dados a outros pesquisadores que desejam realizar intercâmbios e redes de colaboração. As responsabilidades exigem cautela, para que se considerem contrastes existentes entre as realidades que apresentam condições infraestruturais distintas, de difícil comparação entre si. Nesta direção, instituições com consolidação de existência temporal, como seriam os exemplos das europeias, e aquelas públicas com quadro de servidores

predominante em regime de dedicação exclusiva, não podem ser cotejadas com o geral das particulares brasileiras, por exemplo. Nestas, é sabido que atividades de pesquisa são mais dificilmente desenvolvidas, haja vista ser predominante o regime de trabalho horista, com exceções resguardadas àquelas que mantêm programas de pós-graduação *stricto sensu*. Ainda por esse raciocínio, há que se ponderar, ainda, que 2 instituições confessionais brasileiras se sobressaíram entre as 10 que têm mais autores afiliados: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (16 autores em cada).

Coping tem sido investigado com relação ao mundo do trabalho e aos transtornos predominantemente orgânicos. Nesse sentido subtemas como estresse e câncer receberam destaque, o que destaca a relevância social embutida em processos de pesquisa que se proponham a entender melhor como trabalhadores e pessoas acometidas por doenças crônicas como o câncer enfrentam suas realidades. Intervenções que levem resultados desses estudos em consideração poderão incrementar estratégias de promoção de saúde e atenção à saúde das pessoas, o que constitui um foco profissional desejável em termos de saúde pública. Serviços de saúde pública e mental, vinculados ou não a instituições de ensino superior, e instituições hospitalares, espaços que ora obtiveram destaque, permanecem profícuos para realização de novos estudos sobre *coping*. Em todos os casos, há que se publicar os resultados desses investimentos acadêmico-profissionais em veículos com reconhecida visibilidade científica, como o são aqueles indexados a bases de dados de acesso aberto.

Adultos do sexo feminino despontaram como segmento populacional mais investigado na amostra do estudo, dentre outros. Novas pesquisas favoreceriam condições de traçar mais amplamente como diferentes pessoas, independentemente do gênero e do estrato etário, enfrentam seus processos de saúde-doença. O entendimento mais profundo dessas características na população brasileira e latino-americana, aqui representada majoritariamente por estudos empíricos realizados por brasileiros, continuaria a crescer resultados relevantes a

outros empreendimentos, ocorridos em outras localidades socioculturais, além do que abririam campos para colaborações interinstitucionais e internacionais.

Referências

- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de *coping*: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 3 (2), 273-294.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES] (2012). *Qualis periódicos*. Brasília: CAPES. Disponível em: <http://capes.gov.br/avaliacao/qualis>. Acesso em 30 ago. 2012.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239.
- Garcia, C. C., Martrucelli, C. R. N., Rossilho, M. M. F., & Denardin, O. V. P. (2010). Autoria em artigos científicos: os novos desafios. *Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular*, 25 (4), 559-567.
- Gomes, W. B. (2003). Pesquisa e prática em psicologia no Brasil. Em: O. H. Yamamoto; V. V. Gouveia. (Orgs.). *Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e da prática psicológica* (pp.23-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Leta, J. (2003). As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 17 (49).
- Moos, R. H. (2002). The mystery of human context and coping: an unravelling of clues. *American Journal of Community Psychology*, 30 (1), 67-88.
- Packer, A. L. (2009). The SciELO open access: a gold way from the South. *Canadian Journal of Higher Education*, 39 (3), 111-126.

Santeiro, F. R. M.; & Zanini, D. S. (manuscrito). Análise de produção científica sobre *coping* (SciELO, 1993/2012).

Scientific Electronic Library Online [SciELO] (2012). Sobre o SciELO: modelo SciELO. São Paulo: FAPESP; BIREME. Disponível em:
<http://www.scielo.org/php/level.php?lang=pt&component=56&item=1> Acesso em 30 jul. 2012.

Siegel, S. (1956/1975). *Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento*. Trad. Alfredo Alves de Farias. São Paulo: McGraw-Hill.

Vanz, S. A. S., & Stumpf, I. R. C. (2010). Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 15 (2), 42-55.

Vasconcellos, E. C. C., & Brisolla, S. N. (2009). Presença feminina no estudo e no trabalho da ciência na Unicamp. *Cadernos Pagu*, 32, 215-265.

Capítulo 3: Uso de Estratégias de *Coping* em Adolescentes Escolares

Uso de Estratégias de *Coping* em Adolescentes Escolares

Resumo: Explorações sobre *coping* auxiliam a compreender sobre os contextos humanos e sobre habilidades de enfrentamento que as pessoas apresentam para fazer face às atribuições da vida cotidiana. Este trabalho objetivou investigar o uso de estratégias de *coping* por adolescentes escolares, verificando comparativamente gênero e idade. Os participantes foram adolescentes de ambos os sexos (N=430), com idades compreendidas entre 12 e 19 anos (M=16,46; DP=1,57), provenientes de escolas pública, particular e conveniada. O *Coping Response Inventory - Youth Form* (Rudolf Moos/2003) foi utilizado para avaliar as estratégias de *coping*. Observaram-se diferenças significativas no uso das estratégias de *coping* conforme idade e gênero dos participantes. Quer analisem-se as meninas entre si, ou comparativamente com os garotos, elas utilizam estratégias representativas de mecanismos mais maduros.

Palavras-Chave: estilos de enfrentamento; avaliação psicológica; estudante brasileiro; adolescência.

Use Coping Strategies for School Teenagers

Abstract: Explorations on coping aiding understanding about human contexts and on coping skills that people have to deal with the tribulations of everyday life. This study aimed to investigate the use of coping strategies by adolescents students, compared gender and age. Participants are 430 adolescents of both sexes, aged between 12 and 19 years ($M=16.46$, $SD=1.57$), from public schools, private and convening. The Coping Response Inventory - Youth Form (Rudolf Moos/2003) was used to assess coping strategies. There were significant differences in the use of coping strategies as age and gender of the participants. Want to analyze up girls together, or compared to the boys, they use strategies representing more mature mechanisms.

Keywords: coping styles, psychological assessment; Brazilian student; adolescence.

Introdução

Explorações sobre *coping* auxiliam a compreender sobre os contextos humanos e sobre habilidades de enfrentamento que as pessoas apresentam para fazer face às atribulações da vida cotidiana. Moos (2002), um dos precursores desse tipo de investigação, se ocupa de entender o processo pelo qual interações sociais e habilidades de enfrentamento podem promover o crescimento ou o declínio pessoal. Explorar os dinamismos desse processo na adolescência é procurar considerar redes/campos sociais e o modo como jovens selecionam e moldam situações de suas vidas, de forma que consigam alcançar seus objetivos de vida.

Ainda conforme Moos (2002) é sabido que alguns indivíduos apresentam disfunções em ambientes aparentemente benignos, enquanto outros florescem diante das adversidades. Sendo assim, estudar mecanismos de *coping* na adolescência é, também, buscar conhecimentos sobre como os jovens estabelecem seus processos de saúde-adoecimento.

Estudos sobre *coping* tiveram início por meio de investigações relacionadas ao estresse e com populações adultas, que remontam aos anos 1980 e 1990. Investigações sobre como crianças e adolescentes enfrentam situações estressoras desenvolveram-se paulatinamente, desde então (Diniz & Zanini, 2010; Raimundo & Pinto, 2006).

Discernir modos de enfrentamento estabelecido nas diversas etapas do ciclo vital é necessário basicamente porque as problemáticas de vida dos adolescentes, sabidamente situados em movimento de reordenação dos processos de subjetivação (Levy, 2013), diferiam-se das observadas na infância e/ou na vida adulta. Dessa forma, diversos estudos também têm apontado que, mesmo entre adolescentes, há variações que precisam ser consideradas e que se referem ao gênero (Büyükşahin, 2009; Câmara & Carlotto, 2007; Frydenberg & Lewis, 1991; Piko, 2001; Hampel & Petermann, 2005).

Coping refere-se ao conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, utilizados pelo indivíduo quando visa lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem

em situações de estresse e são avaliadas como sobrecarga ou excedente aos recursos pessoais (Lazarus & Folkman, 1984). Estes autores entendem que existem dois conjuntos de estratégias de *coping* que são utilizadas para lidar com uma dada situação estressante, as quais se definem de acordo com a sua função: 1) *Coping* focado na emoção: esforço para regular o estado emocional associado ao estresse. Neste tipo de estratégia de *coping* objetiva-se alterar o estado emocional (ou ansiedade) relacionada ao problema enfrentado pelo indivíduo; e 2) *Coping* focado no problema: esforço para atuar na situação que originou o estresse, tentando mudá-la. Este conjunto de estratégias de *coping* visa alterar o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente causador da tensão. Moos (1995, 2002 e 2003) refere-se a estes dois conjuntos de estratégias de *coping* citados acima como, evitação ao problema, e aproximação do problema ou de enfrentamento direto.

Os processos de *coping* pressupõem a noção de avaliação, que se refere ao modo como o indivíduo percebe, interpreta e representa cognitivamente em sua mente, o fenômeno com o qual se depara. A avaliação do fenômeno acontece em duas fases, a primária e a secundária (Lazarus & Folkman, 1984). Na avaliação primária o indivíduo aprecia se o problema enfrentado constitui-se ou não num evento estressante. É importante ressaltar-se que o processo de *coping* só desencadeia-se caso o problema enfrentado seja avaliado como estressor. A disponibilidade de recursos de *coping* afeta a avaliação do evento, e acaba, por conseguinte, determinando as estratégias de *coping* a serem utilizadas. Neste caso processa-se a avaliação secundária, momento em que o indivíduo avalia os recursos de *coping* e seleciona a melhor estratégia para fazer frente ao problema (Lazarus & Folkman, 1984).

Como *coping* é um processo ou uma interação que se dá entre o indivíduo e o ambiente, ele varia com o desenvolvimento: condições e experiências de vida, fases do ciclo vital (Lazarus & Folkman, 1984). Compreender que o processo de *coping* não é estático e varia segundo as condições pessoais e ou ambientais, como discutido acima, obriga-nos a

vislumbrar que é necessário estudá-lo também segundo a faixa etária e sexo de quem dele faz uso. Criança, adolescente, adulto, velhos, homens ou mulheres. Neste sentido pretendeu-se com este trabalho selecionar uma fase do ciclo vital, a adolescência, e tentar compreender como esta etapa de desenvolvimento relaciona-se com o uso das estratégias de *coping* ou as formas de enfrentamento do problema.

A adolescência é caracterizada como um período de transição no desenvolvimento entre a infância e idade adulta, o qual está envolto em grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais inter-relacionadas (Levy, 2013). Para Papalia, Olds e Feldman (2006), a adolescência dura cerca de 10 anos, dos 11 ou 12 anos até pouco antes ou depois dos 20 anos, sem haver uma definição precisa do início ou término. De forma geral, contudo, a puberdade tem sido considerada o marco inicial da adolescência; ela refere-se ao processo que conduz à maturidade sexual ou fertilidade, levando-se em consideração aspectos socioculturais para sua delimitação. Assim, pode-se dizer que, embora o início da adolescência tenha um marcador biológico (a puberdade), seu término está vinculado a um marcador psicossocial.

A adolescência é também um fenômeno sociocultural específico da cultura ocidental e de um período de desenvolvimento em que os seres humanos são mantidos dependentes de seus pais ou cuidadores por muitos anos. Isto se relaciona com a necessidade de se preparar para as responsabilidades da vida adulta.

A entrada na adolescência oferece oportunidades de desenvolvimento e crescimento físico, e também em competência cognitiva e social, em autonomia, em autoestima e em intimidade (Levy, 2013; Papalia, Olds & Feldman, 2006). Deste modo, entende-se que tantas mudanças concomitantes podem tornar este período gerador de estresse, tendo em vista todo movimento de constituição de identidade, a transição marcada entre a infância e a vida adulta, as fortes transformações físicas e psíquicas, perdas de relativos confortos infantis e exigências do mundo adulto. Todas estas demandas acabam por suscitar ao adolescente a construção de

condições de adaptação a si mesmo e ao ambiente, o que por sua vez, com frequência requer a utilização de processos de *coping*. Lipp (1989) afirma que, no período da adolescência, tanto as modificações sociais e cognitivas vivenciadas, quanto as alterações biológicas que caracterizam a puberdade, podem provocar a manifestação de estresse.

Um ponto relevante a considerar-se sobre *coping* é a sua dimensão situacional, o que significa que os esforços são desenvolvidos pelo indivíduo para enfrentar situações específicas e considerando condições ou características do contexto (Câmara & Carlotto, 2007). Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998) afirmam que as estratégias de *coping* dizem respeito a comportamentos ou ações cognitivas tomadas no curso de um episódio particular de estresse. Assim, as estratégias de *coping* estariam relacionadas a fatores situacionais, podendo mudar de momento para momento, durante os estágios da situação de estresse. O *coping* refere-se a estratégias utilizadas de forma consciente para lidar com estresse percebido, esta percepção de presença de estresse e escolha de modos de enfrentamento acontece e pode modificar-se, de forma que o *como* e o *quando* isto se dá, depende do momento pessoal e contextual do indivíduo.

Moos (2002) propõe que os fatores pessoais e contextuais agem de forma conjunta com as habilidades de enfrentamento, afetando as funções psicossociais e a maturação, as quais passam a se tornar parte do sistema pessoal no próximo estágio de desenvolvimento. Esse argumento referenda a importância do contexto para compreensão das respostas humanas às demandas pessoais. Em estudo posterior este mesmo autor afirma que “o estudo do contexto social é parte da ciência básica que fundamenta a psicologia comunitária” (Moos, 2003, p.2). De modo que a inserção contextual do indivíduo pode caracterizar e instrumentalizar os recursos individuais frente às demandas pessoais; ele diz, ainda, que os recursos precedem e influenciam o *coping*.

Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998) ressaltam que, a despeito do fato do trabalho sobre *coping* em crianças e adolescentes ser fundamentado nas teorias de estresse de Lazarus e Folkman (1984), é importante que as estratégias, recursos e estilos de *coping* desta faixa etária, sejam estudados levando-se em conta as especificidades de suas características biológicas e psicológicas, e ainda a dependência destes em relação a seus pais. Em linha de raciocínio semelhante, Compas (1987) diz que para se estudar as estratégias de *coping* em crianças e adolescentes é importante compreender o contexto social, uma vez que ambos, para sobreviver, dependem do adulto.

Outro aspecto relevante no estudo de *coping* na adolescência diz respeito ao gênero. Balbinotti, Barbosa e Wiethaeuper (2006) verificaram a influência do gênero na escolha de estratégias de *coping*, uma vez que meninos e meninas são socializados de variadas formas. As diferenças constatadas são entendidas como o resultado da socialização das meninas para o uso de estratégias pró-sociais, enquanto os meninos são socializados para serem independentes e competitivos.

Tendo em vista a relevância do estudo do contexto, como afirmado até aqui, a inserção do adolescente na escola pode ser necessária. Para Schneider e Martini (2011), o espaço escolar é marcante na vida dos adolescentes, local de estabelecimento não somente de aprendizagem, como também de relacionamentos interpessoais. “Ela [a escola] proporciona a experimentação da formação da identidade para além da família” (p.196). Por essa razão a escola exerce papel significativo na transição de desenvolvimento da infância para a adolescência e contribui para promover o desenvolvimento psicológico do adolescente, permitindo que ele se reconheça como parte de um grupo e compartilhe “significados que irão influenciar fortemente em sua identidade pessoal” (p.196).

Todas essas questões concernentes à caracterização da adolescência, diferenças entre sexo e idade, e a pertença ao mundo escolar são determinantes para a compreensão do modo

pelo qual os adolescentes lidam com seus problemas, para se entender se as escolhas de enfrentamento redundam em adaptações melhores e mais saudáveis. A maneira como se dá o enfrentamento das dificuldades encontradas tem influência direta nos níveis de saúde e bem-estar psicológico; contudo é importante ressaltar que, na adolescência, várias estratégias ainda não estão desenvolvidas plenamente (Câmara & Carlotto, 2007).

No decorrer de seu desenvolvimento pessoal o homem vai criando de forma continuada os seus recursos, em conformidade as solicitações percebidas, por exemplo: como o *coping* é específico e relacionado ao contexto, o que é vivenciado e apreendido por um adolescente não é o mesmo que de um adulto. Assim, adolescentes tendem a relatar mais problemas relacionados à escola enquanto um adulto tende a relatar mais problemas relacionados ao trabalho. Em certa medida, isto representa a influência do contexto na vivência de estresse. Do mesmo modo, ainda que um adolescente vivencie um problema em seu trabalho o contexto de trabalho de um adolescente e o peso deste em sua história de vida provavelmente se diferirá significativamente para um adulto.

A relevância quanto ao estudo de adolescentes, refere-se à compreensão de que a escolha das estratégias de *coping* pode ser feita resultando em adaptações saudáveis ou patológicas. Veloso-Besio, Caqueo-Arancibia, Caqueo-Urizar, Muñoz-Sánchez e Villegas-Abarzúa (2010) afirmam que se o adolescente não encontrar estratégias de enfrentamento positivas para responder às várias situações vividas por ele, isto poderia gerar comportamentos menos adaptativos e uma maior vulnerabilidade, promovendo implicações no seu desenvolvimento psicológico.

Entender quais mecanismos estão envolvidos na adolescência e processos de *coping*, pode enriquecer as possibilidades do trabalho de profissionais psicólogos, sobretudo no fortalecimento de práticas saudáveis para adolescentes e para os terapeutas que trabalham com este grupo (Zanini, Forns & Kirchner, 2005). Ao ponderar sobre esse tipo de questões, o

presente artigo tem por objetivo avaliar diferencialmente como os adolescentes enfrentam seus problemas nas diferentes faixas etárias da adolescência e segundo o sexo.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 430 adolescentes sendo 240 do sexo feminino, 183 do sexo masculino e 7 não informaram o sexo, com idades compreendidas entre 12 e 19 anos ($M=16,46$; $DP=1,57$). Desses, 33 eram provenientes de uma escola pública, 195 de uma escola particular e 62 de uma escola conveniada (instituição que possui parte de seus custos subsidiada pelo município).

Instrumento

Para avaliar as estratégias de *coping* foi utilizado o *Coping Response Inventory Youth Form* (CRI-Y), de Moos (1993). Este inventário possui qualidade psicométrica satisfatória e condizente com os instrumentos de *coping* descritos na literatura internacional, com alfas de Chronbach de 0,79 para as estratégias de aproximação para meninos e meninas e 0,76 e 0,71 para as estratégias de evitação para os meninos e meninas, respectivamente (Zanini, [Mendonca](#), Forns & Kirchner, 2010).

O CRI-Y é dividido em três partes. A primeira consiste na descrição de uma situação difícil ou estressante vivenciada nos últimos 12 meses. A segunda é composta por dez perguntas sobre a percepção do problema vivenciado pelo sujeito, as quais foram consideradas em diversas perspectivas avaliadas e analisadas pelos participantes da pesquisa. A terceira compõe-se de 48 questões objetivas, respondidas por meio de escala *likert* de 4 pontos, as quais caracterizam as formas de enfrentamento de problemas utilizadas pelos

adolescentes. Estas 48 perguntas são agrupadas posteriormente em 8 estratégias de *coping*: a) aproximação cognitiva – análise lógica e reavaliação positiva; b) aproximação comportamental – busca de guia e resolução de problemas; c) evitação cognitiva – evitação cognitiva e aceitação e resignação; d) evitação comportamental – busca de recompensa alternativa e descarga emocional. As quatro primeiras são caracterizadas estratégias de aproximação do problema enquanto as quatro últimas são caracterizadas como estratégias de evitação do problema. Além desta classificação, as estratégias de *coping* também podem ser caracterizadas conforme o método utilizado (Quadro 1).

Quadro 1. Classificação das estratégias de *coping* do CRI-Y segundo Moos (1993).

	Aproximação	Evitação
Cognitiva	Análise Lógica	Evitação Cognitiva
	Reavaliação Positiva	Aceitação Resignação
Comportamental	Busca de Apoio	Busca de Recompensas Alternativas
	Resolução de Problemas	Descarga Emocional

Observa-se no Quadro acima 8 escalas de avaliação diretas do *coping*, as quais podem ser organizadas posteriormente em 4 grandes subescalas, agrupadas segundo o foco ou o método de enfrentamento utilizado pelo participante. Por exemplo, se o método foi cognitivo ou comportamental, ou ainda observando-se quanto ao foco, se de aproximação ou se de evitação.

Procedimento

Mediante a autorização da Secretaria Municipal de Educação para a execução da pesquisa nas escolas, foram programadas duas sessões para recebimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais ou responsáveis e a aplicação do CRI-Y. O instrumento foi administrado de forma coletiva durante o período de aula dos

alunos, aplicados por estudantes e psicólogos previamente orientados e treinados para esta finalidade.

Na primeira sessão, os alunos foram esclarecidos acerca da pesquisa e do sigilo. Oportunamente, abriu-se espaço para que quaisquer dúvidas a respeito dos instrumentos, da leitura e da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido fossem dirimidas. Na segunda sessão, foi aplicado o CRI-Y, respeitando-se as normas e as instruções de aplicação contidas no manual. O tempo para respondê-lo foi livre, tendo variado de 15 a 30 minutos. Embora este estudo não tenha tido caráter interventivo, a todos os participantes da pesquisa que demonstraram interesse foi oferecida a possibilidade de apoio psicológico, conforme registrado no protocolo TCLE.

Resultados

Para comparação do uso das estratégias de *coping* por idade os adolescentes foram agrupados em 3 grupos: o de adolescentes jovens (aqueles com idades entre 12 e 14 anos), os medianos (aqueles com 15 e 16) e aqueles denominados adolescentes maiores (com idade entre 17 e 19 anos). Para avaliar se existe diferença significativa no uso das estratégias de *coping* entre meninos e meninas nos diferentes grupos de idades analisadas, foi realizada uma comparação de média por meio da técnica de *t student*. Os dados estão descritos na Tabela 1.

Tendo em vista a existência de diferenças significativas entre meninos e meninas para o uso de *coping* procedeu-se as demais análises estatísticas segmentando a amostra por sexo. Desta forma, para avaliar se existe diferença na forma de enfrentamento a problemas (*coping*) segundo a idade, realizou-se a análise de comparação de média por meio da Análise de variância (ANOVA) na amostra segmentada por sexo. Os resultados estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 1: Comparação de média entre meninos e meninas nos diferentes grupos etários (grupo 1 - entre 12 e 14 anos; grupo 2 - entre 15 e 16; e grupo 3 - entre 17 e 19 anos).

		Meninos	Meninas	t	p
		Média (DP)	Média (DP)		
Análise lógica	1	7,82 (4,64)	12,93(19,44)	-1,36	0,18
	2	9,93(3,65)	10,70(3,68)	-0,89	0,38
	3	10,85(3,20)	11,65(3,10)	-1,98	0,05
Reavaliação positiva	1	7,87(4,44)	8,00(4,17)	-0,12	0,90
	2	9,77(3,92)	11,09(3,50)	-1,49	0,14
	3	10,44(3,76)	11,68(3,46)	-2,64	0,01
Busca de guia	1	5,79(3,94)	6,93(3,95)	-1,16	0,25
	2	7,74(5,35)	8,52(4,74)	-0,65	0,52
	3	7,34(4,30)	9,00(4,37)	-3,00	0,00
Resolução de problemas	1	7,60(5,55)	8,96(4,63)	-1,06	0,29
	2	9,35(3,75)	10,17(4,47)	0,84	0,40
	3	10,22 (3,67)	10,60(3,45)	-0,82	0,41
Evitação cognitiva	1	8,38(4,94)	9,31(4,00)	-0,85	0,38
	2	7,84(4,65)	7,74(4,34)	0,09	0,93
	3	8,42(3,24)	8,74(3,80)	-0,67	0,50
Aceitação resignação	1	7,05(4,46)	8,31(4,04)	-1,21	0,23
	2	7,26(5,36)	8,18(4,00)	-0,80	0,42
	3	6,98(3,69)	7,05(3,72)	-0,14	0,89
Busca de recompensa alt	1	7,86(4,49)	8,62(4,95)	-0,64	0,52
	2	9,37(5,07)	8,34(4,13)	0,91	0,36
	3	9,13(3,47)	8,80(3,68)	0,71	0,48
Descarga emocional	1	4,74(3,54)	7,90(4,13)	-3,31	0,00
	2	7,22(4,15)	8,35(3,26)	-1,25	0,22
	3	6,75(3,82)	8,49(3,77)	3,60	0,00

Observam-se diferenças significativas no uso das estratégias de *coping* segundo a idade tanto para meninos quanto para e meninas. No grupo de meninos, observa-se um uso significativamente maior de análise lógica, reavaliação positiva e resolução de problemas entre os meninos com idades entre 17 e 19 anos do que entre os meninos com idades entre 12 e 14 anos. Na estratégia de descarga emocional, observa-se que os adolescentes com idades entre 12 e 14 anos usam, significativamente menos, este tipo de estratégia quando comparados com os demais grupos de adolescentes.

Tabela 2 – Comparação de média, por meio da ANOVA, nas escalas de *coping* segundo grupos de idade (grupo 1 - entre 12 e 14 anos; grupo 2 - entre 15 e 16; e grupo 3 - entre 17 e 19 anos) na amostra segmentada por sexo.

		Meninos	F	p	Meninas	F	p
Análise lógica	1	7,82(4,64) ^A	9,59	0,00	12,93(19,44)	0,76	0,47
	2	9,93(3,65)			10,70(3,68)		
	3	10,85(3,20) ^B			11,65(3,10)		
Reavaliação positiva	1	7,87(4,44) ^A	5,93	0,00	8,00(4,17) ^A	13,08	0,00
	2	9,77(3,92)			11,09(3,50) ^B		
	3	10,45(3,76) ^B			11,68(3,46) ^B		
Busca de guia	1	5,78(3,94)	2,15	0,12	6,93(3,95) ^A	2,67	0,07
	2	7,74(5,35)			8,52(4,54)		
	3	7,34(4,30)			9,00(4,37) ^B		
Resolução de problemas	1	7,60(5,55) ^A	5,41	0,00	8,96(4,63)	2,14	0,12
	2	9,35(3,75)			10,17(4,47)		
	3	10,23(3,67) ^B			10,60(3,45)		
Evitação cognitiva	1	8,38(4,94)	0,23	0,80	9,31(4,00)	1,59	0,21
	2	7,84(4,65)			7,74(4,34)		
	3	8,42(3,84)			8,74(3,80)		
Aceitação resignação	1	7,05(4,42)	0,05	0,95	8,31(4,04)	2,37	0,10
	2	7,26(5,36)			8,18(4,00)		
	3	6,99(3,69)			7,05(3,72)		
Busca de recompensa alt	1	7,86(4,49)	1,58	0,21	8,62(4,95)	0,24	0,79
	2	9,37(5,07)			8,33(4,13)		
	3	9,12(3,47)			8,80(3,68)		
Descarga emocional	1	4,74(3,54) ^A	4,80	0,01	7,90(4,13)	0,32	0,73
	2	7,23(4,15) ^B			8,35(3,26)		
	3	6,75(3,82) ^B			8,49(3,77)		

Nota: As médias com sobrescritos diferentes correspondem àquelas que apresentam diferenças significativas.

No grupo das meninas, observa-se um menor uso de estratégia de reavaliação positiva entre o grupo de adolescentes mais jovens (com idades entre 12 e 14 anos) quando comparadas com as demais (com idade entre 15 a 16 anos ou 17 a 19 anos).

Discussão

Neste trabalho investigou-se o uso de estratégias de *coping* por adolescentes escolares, verificando comparativamente gênero e idade. Estudo anterior discute que o enfrentamento

representado por comportamento do tipo descarga emocional pode ser característico da adolescência e, sobretudo da população feminina (Silva & Zanini, 2011). O presente estudo contraria parcialmente estes achados, na medida em que as meninas de 17 a 19 anos utilizam mais análise lógica e reavaliação positiva.

Os resultados encontrados demonstram que meninos e meninas apresentam diferenças na utilização de estratégias de *coping*. Meninas usam mais estratégias de aproximação, ainda que em nível cognitivo, como as já mencionadas análise lógica e reavaliação positiva. Há registros de estudos anteriores que demonstraram o uso de *coping* do tipo resolução de problemas pelas meninas (por exemplo, Câmara & Carlotto, 2007).

Meninos e meninas com idades entre 17 e 19 anos apresentam diferenças significativas no uso da estratégia de análise lógico ($t=-1,98$; $p=0,05$), reavaliação positiva ($t=-2,64$, $p=0,01$) e busca de guia ($t=-3,00$, $p=0,00$), sendo as meninas as que utilizam significativamente mais estes tipos de estratégias nesta faixa etária. Também são as meninas entre 12 e 14 anos ($t=-3,31$, $p=0,00$) e as com idades entre 17 e 19 anos ($t=3,60$, $p=0,00$) as que utilizam significativamente mais a estratégia de descarga emocional como forma de enfrentamento de seus problemas, quando comparadas com os meninos da mesma faixa etária.

Tradicionalmente, a literatura tem discutido que estratégias de aproximação do problema podem representar formas mais saudáveis e eficazes de se trabalhar com situações de estresse (Compas, 1987; Lazarus & Folkman, 1984; Moos, 2003). Ao tentar-se fazer uma analogia entre adaptação mais saudável, como correspondente de maturidade psíquica, poder-se-ia então, pensar que há uma relativa diferença de amadurecimento psicológico entre meninas e meninos. No presente estudo, meninas usam mais e anteriormente, os mecanismos mais saudáveis. Quando se observa os dados, quer analise-se as meninas entre si, ou comparativamente com os garotos, percebe-se nelas a utilização de estratégias representativas

de mecanismos mais maduros, sendo que aqui novamente se refere às estratégias de aproximação como análise lógica e reavaliação positiva.

Em complemento aos resultados ora descritos, Piko (2001) verificou, por meio do *Ways of Coping Questionnaire*, que meninas e meninos utilizam bastante de estratégias focadas na emoção durante a adolescência inicial. Por seu turno, o estudo de Hampel e Petermann (2005) relatou que meninos e meninas adolescentes, assim como meninas de todas as faixas etárias investigadas (entre 8 e 13 anos), obtiveram maiores pontuações no uso de estratégias de enfrentamento desadaptativas, ao utilizarem o *German Coping Questionnaire for Children and Adolescents*.

Outra percepção possível frente aos dados relatados seria, quando se fala em *coping* é necessário compreender sua natureza processual. O que se percebeu aqui é que há uma modificação nas escolhas de estratégias no decorrer do desenvolvimento dos adolescentes, independentemente do momento específico e do sexo dos sujeitos, num dado momento as estratégias vão sendo modificadas, alteradas de forma que se pode compreendê-las como se modificando processualmente.

Uma vez que a amostra deste estudo é composta de adolescentes escolares, um questionamento possível para um próximo trabalho seria, tendo em vista o papel significativo que a escola exerce sobre a identidade adolescente, detectar diferenças relevantes entre os resultados encontrados nesta amostra e adolescentes não inseridos na escola. Este dado permitiria incrementar debates sobre o grau de importância da instituição escolar como suporte psicossocial.

A observância de estudos com resultados diferentes salienta a importância de se continuar estudando o tema *coping* , para que se compreenda melhor como as estratégias são escolhidas pelos indivíduos e como promover situações que criem condições para que realizem escolhas mais saudáveis e adaptativas. Por essa via, “Os recursos disponíveis para

lidar com o estresse e a forma com que os indivíduos realmente lidam com ele podem ser fatores importantes que influenciam os padrões de crescimento positivo e de desenvolvimento” (Compas, 1987, p.393).

Além do mais, estudos como os de Büyükşahin (2009), Câmara e Carlotto (2007), Frydenberg e Lewis (1991), Piko (2001) e Hampel e Petermann (2005), associados com os resultados observados neste estudo, sugerem necessidade de se considerar a existência de diferenças culturais no modo como meninos e meninas adolescentes, de diferentes faixas etárias, enfrentam situações estressoras. Novas e mais acuradas explorações mostram-se promissoras nesse sentido.

Moos (2002) discorre sobre a influência de contextos estáveis, para compreender a maturação e o desenvolvimento psíquico dos sujeitos. Os dados observados neste estudo poderiam sustentar a hipótese da escola funcionar como um contexto estável para os adolescentes investigados? Retomando contribuições trazidas por Câmara e Carlotto (2007), especificamente a que ressalta que, na adolescência, várias estratégias de *coping* ainda não estão desenvolvidas plenamente, o ambiente escolar apresenta papel fundamental nesse processo, argumento que também se consolida a partir do anteriormente sinalizado por Schneider e Martini (2011).

Esse tipo de raciocínio parece fortalecer o fato de que questões relacionadas à variabilidade cultural precisem ser ponderadas, também se considerando que os modelos de “escola” variam conforme as condições socioeconômicas e históricas dos respectivos países onde as instituições escolares estão inseridas. De toda forma, parece ser imperativo atentar-se para implicações que os achados desta pesquisa teriam para se pensar a saúde mental e o desenvolvimento de políticas de atenção e promoção de saúde aos adolescentes investigados.

Referências

- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de *coping*: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 3 (2), 273-293.
- Balbinotti, A. A., Barbosa, M. L. L., & Wiethaeuper, D. (2006). Consistência interna e multifatorial de *coping* para adolescentes. *Psico-USF*, 11 (2), 175-18.
- Büyükşahin, A. (2009). Impact of self-monitoring and gender on coping strategies in intimate relationships among Turkish university Students. *Sex Roles*, 60, 708-720.
- Câmara, S. G., & Carlotto, M. S. (2007). *Coping* e gênero em adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 87-93.
- Compas, B. E. (1987). Coping with stress during childhood and adolescents. *Psychological Bulletin*, 101 (3), 393-403.
- Dell'Aglio, D. D. (2003). O processo de *coping* em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. *Temas em Psicologia*, 11 (1), 38-45.
- Diniz, S. S., & Zanini, D. S. (2010). Relação entre fatores de personalidade e estratégias de *coping* em adolescentes. *Psico-USF*, 15 (1), 71-80.
- Frydenberg, E., & Lewis, R. (1991). Adolescent coping: the different ways in which boys and girls cope. *Journal of Adolescence*, 14 (2), 119-133.
- Hampel, P., & Petermann, F. (2005). Age and gender effects on coping in children and adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 34 (2), pp. 73–83.
- Lazarus, R.S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Levy, R. (2013). O adolescente. In C. L. Eizirik & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (pp.167-179). Porto Alegre: Artmed.
- Lipp, M. E. N. (1989). O tratamento do *stress* infantil. In E. F. M. Silveiras (Org.), *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil*. Campinas: Papirus.

- Moos, R. H. (1993). Coping response inventory youth form - professional manual. Odessa: PAR Psychological Assessment Resources.
- Moos, R. H. (2002). The mystery of human context and coping: an unraveling of clues. *American Journal of Community Psychology, 30* (1), 67-88.
- Moos, R. H. (2003). Social context: transcending their power and their fragility. *American Journal of Community Psychology, 31* (2), 1-13.
- Papalia, E. D., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed.
- Piko, B. (2001). Gender differences and similarities in adolescents` ways of coping. *The Psychological Record, 51*, 223-235.
- Raimundo, R. C. P., & Pinto, M. A. P. M. (2006). Stress e estratégias de coping em crianças e adolescentes em contexto escolar. *Aletheia, 24*, 9-19.
- Schneider, K. L. K., & Martini, J. G. (2011). Cotidiano do adolescente com doença crônica. *Texto Contexto - Enfermagem, 20* (n.spe), 194-204.
- Silva, L. S. D. E., & Zanini, D. S. (2011). Coping e saúde mental de adolescentes vestibulandos. *Estudos de Psicologia (Natal), 16* (2), 147-154.
- Veloso-Besio, C., Caqueo-Arancibia, W., Caqueo-Urizar, A., Muñoz-Sánchez, Z., & Villegas-Abarzúa, F. (2010). Estrategias de afrontamiento en adolescentes. *Fractal: Revista de Psicología, 22* (1), 23-34.
- Zanini, D. S., Forns, M., & Kirchner, T. (2005). Coping response and problem appraisal in Spanish adolescents. *Perceptual and Motor Skills, 100*, 153-166.
- Zanini, D. S., [Mendonça, H.](#), Forns, M., & Kirchner, T. (2010). Psychometric properties of Coping Response Inventory with brazilian adolescents. *Psychological Reports, 107*, 617-628.